



O casamento de

*Jessica
e Lucius*

Sequência de *Como se livrar de um vampiro apaixonado*

Beth Fantaskey

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O casamento de
Antanasia Jessica Packwood
& Lucius Valeriu Vladescu

CAPÍTULO I

Mindy Stankowicz, minha melhor amiga – se é que eu ainda podia chamá-la assim –, parecia totalmente perplexa enquanto uma multidão de romenos que sabiam aonde ir passava por ela para chegar às esteiras de bagagem no movimentado Aeroportul Intenational Henri Coandă, em Bucareste.

Eu tinha consciência de que deveria correr para ajudá-la, mas me contive por alguns segundos, apenas observando enquanto ela me procurava no meio da turba. Seus olhos saltavam de vez em quando para as placas repletas de orientações no idioma que nem meus quatro meses na Romênia tinham me preparado para entender.

Bagaje pierdute... Conexiune gara... Carucioare bageje...

De certa forma, nós duas éramos estranhas numa terra *muito* estranha. Recém-chegadas a uma cultura tão diferente daquela em que tínhamos crescido, agora éramos também estranhas uma para a outra, apesar de nos conhecermos desde o jardim de infância.

Mindy deu um passo hesitante e parou, obviamente sem saber aonde ir. Continuei sem me mexer. Meus pés pareciam aparafusados ao chão enquanto eu tentava entender as emoções que afloravam ao ver uma amiga do passado recente, alguém que havia sido testemunha de tudo o que acontecera na escola, desde o dia em que Lucius Vladescu entrou na minha vida até o momento em que foi tirado de mim.

Eu ainda não sabia direito se Mindy me abandonara ou se eu é que a havia deixado de lado à medida que as coisas com Lucius ficavam mais intensas. Ela tinha tentado me ajudar a enfrentar tudo pelo que eu vinha passando com Lucius, Faith Crosse e Jake Zinn, mas eu a afastara, com medo de confessar a verdade sobre o que sentia por Lucius – e sobre o que ele *era* e eu estava me tornando. Mesmo assim, fiquei muito magoada no

dia em que Mindy puxou a mão e correu para longe de mim na aula de educação física. Foi como se ela estivesse renunciando à nossa amizade.

Quem foi a pior amiga?

Parada num aeroporto apinhado e cercada de pessoas que pegavam suas bagagens nas esteiras rolantes ao som de anúncios em vários idiomas, numa cena que lembrava uma torre de Babel caótica e moderna, Mindy parecia *apavorada* e me lembrei de um detalhe crucial da nossa história.

Na noite em que Lucius quase foi destruído – no meu aniversário de 18 anos, quando quase todo mundo, até meus pais, de certa forma, havia virado as costas para mim e para Lucius – foi Mindy quem me ligou para avisar que ele estava em apuros.

Ela tivera dúvidas com relação a Lucius, pensou que ele até pudesse estar me machucando, mas no fim tentou salvá-lo, por *mim*, porque sabia que eu o amava.

Se eu não tivesse aparecido no celeiro naquela noite e tentado intervir, talvez as coisas houvessem acontecido de modo um pouco diferente. Talvez Ethan Strausser, em vez de Jake, pegasse a estaca. E Lucius não existiria mais...

De repente meus pés se libertaram e eu não apenas andei na direção de Mindy, mas *corri* para ela, sem sequer pensar em como a situação poderia ficar delicada – afinal de contas, eu era uma *vampira* e nós não tínhamos nos visto depois da minha transformação nem conversado direito sobre o assunto.

Fui empurrando a multidão e abri os braços no momento em que Mindy me viu. Então ela também abriu os braços sem hesitar, sem ter nada além de alegria nos olhos. Nós nos abraçamos e começamos a chorar tanto e tão rápido que nem tivemos chance de dizer “oi”.

Ficamos agarradas uma à outra por um longo tempo, ignorando as pessoas que passavam, algumas reclamando em romeno por estarmos no caminho. Quando finalmente nos acalmamos, fiz a pergunta pela qual estava ansiosa e que ainda não tivera coragem de verbalizar, porque talvez

já fosse muito querer que Mindy fosse à Romênia para o casamento de uma pessoa de quem ela poderia nem gostar mais.

– Quer ser minha dama de honra? Por favor.

Mindy se afastou de mim e passou os dedos sob os olhos, tentando secar as lágrimas que espalhavam a maquiagem pela bochecha, e disse, com um sorriso trêmulo e ainda meio lacrimoso:

– Nossa, Jess, já estava achando que você não fosse pedir!

Também enxuguei o rosto, tentando afastar algumas lágrimas.

– Fiquei com medo de...

Com medo de que você dissesse não... De não sermos mais tão amigas... De que você, em sã consciência, não apoiasse meu casamento com um vampiro...

Antes que eu pudesse encontrar as palavras certas, Mindy apertou meu braço, me impedindo de falar mais.

– E quem é que faria o seu cabelo no dia mais importante da sua vida, Jess? – provocou ela. – Hein?

Por algum motivo quase comecei a chorar de novo, mas ri também.

– Só você – garanti, sabendo que tudo o que havia acontecido entre nós, todas as esquisitices, tinham ficado para trás. Não precisaríamos dizer mais nenhuma palavra.

Ou talvez houvesse mais uma coisa a dizer, porque de repente Mindy ficou séria, o riso sumindo dos olhos.

– Você é *mesmo* uma... – ela olhou em volta, provavelmente verificando se havia alguém por perto que pudesse nos entender, depois se aproximou de mim e sussurrou, tão baixo que nem eu pude ouvir direito: –... vampira?

Ajeitei a postura, não querendo esconder o que eu era nem agir como se sentisse vergonha. Queria ser totalmente honesta com Mindy desta vez, porque tinha escondido muita coisa dela no passado.

– É, sou.

Mindy examinou meu rosto com atenção, como se precisasse ter certeza de que eu ainda era realmente *eu*, não simplesmente uma criatura

incompreensível para ela e que bebia sangue. Aos poucos, enquanto examinávamos os olhos uma da outra, vi seu sorriso não apenas retornar, mas ficar mais firme e mais caloroso, como se ela estivesse pondo de lado as últimas reservas a meu respeito. A nosso respeito.

– Legal – disse finalmente, confirmando com a cabeça. – Tudo bem.

Eu não sabia que precisava da aprovação de alguém, mas acho que precisava da de Mindy, porque foi bom ouvi-la dizer aquilo.

– Obrigada – respondi, sorrindo mais também.

Eu estava em êxtase porque ia me casar com Lucius, mas ter minha melhor amiga de volta preencheu um espaço vazio no meu coração. Então, apesar de já sermos bem grandinhas e de estar chegando o dia do meu *casamento*, peguei a mão dela, como fazíamos quando éramos crianças no parquinho.

– Vamos pegar suas malas – sugeri, puxando-a para a esteira certa, onde a maior parte das bagagens já havia sido retirada.

Ao nos aproximarmos, vi três malas grandes, imitações de Louis Vuitton novinhas, que provavelmente já davam a vigésima volta por ali. Quando elas chegaram a nós, Mindy soltou minha mão, esticou o braço e puxou uma, depois outra, e eu corri para pegar a última, antes que ela fosse embora de novo.

Enquanto a mala pesada batia no chão perto dos meus pés, olhei para Mindy, confusa.

– *Três* malas? Eu tinha entendido que você só ia ficar três dias, no máximo.

Mindy me olhou como se *eu* estivesse louca.

– Este é o evento mais importante da sua vida – lembrou ela. – Vamos precisar de muitos produtos para o cabelo!

Comecei a gargalhar, sentindo-me *completamente* feliz naquele momento. Eu ia me casar com Lucius e Mindy estava mesmo de volta.

– Venha – chamei, começando a puxar a mala em direção à saída. – Lucius mandou um motorista e nós temos um monte de coisas para fazer.

– Já estou indo – declarou Mindy, correndo ao meu lado com as outras duas malas a reboque. – Mal posso esperar!

Olhei para ela e compartilhamos um sorriso que resumia uns 15 anos de amizade e todas as nossas esperanças e sonhos de encontrar o amor, casar e viver felizes para sempre.

Então me virei para a frente e levei-a na direção do carro que nos esperava.

Os preparativos para o casamento estavam oficialmente iniciados.

CAPÍTULO 2

– *Estou pensando num coque clássico* – disse Mindy, a cabeça inclinada enquanto folheava as páginas de uma edição especial para noivas da revista *Penteados das celebridades*. – Dependendo, é claro, do que você vai usar na cabeça.

Eu estava dividida entre conferir as opções disponíveis e olhar a paisagem de fora do carro. Aparentemente Lucius havia previsto a quantidade de malas de Mindy, porque o utilitário de luxo que ele mandara para nos buscar do aeroporto tinha um porta-malas bem maior que o dos outros muitos veículos da garagem dos Vladescu. E eles logo estariam à *minha* disposição também, por mais que ainda fosse difícil acreditar.

Do outro lado da janela, os Cárpatos se descortinavam teatralmente e, quando fazíamos uma curva mais íngreme na montanha, de repente só o que se via era o céu. Eu me pegava meio boquiaberta, não só porque parecia que íamos voar para fora da estrada, mas por causa do assombro de perceber que aquela paisagem escarpada e selvagem era meu novo lar.

– Jess? – Mindy deu um tapinha no meu braço. – Eu perguntei o que você vai usar na cabeça. Vai ser uma tiara, não é? Quero dizer, tem que ser uma tiara!

Virei-me e vi os olhos de Min brilhando diante da perspectiva de fazer parte de um legítimo casamento da realeza – algo que nunca pensaríamos que pudesse acontecer *de verdade* a qualquer uma de nós, apesar do que pregavam nossos filmes prediletos da Disney.

– É, vai ser uma tiara – confirmei, imaginando se Mindy não estaria *mais* empolgada do que eu com o casamento propriamente dito. Eu mal podia esperar para me casar com o Lucius, mas pensar na cerimônia me deixava nervosa.

Será que eu conseguiria seguir o protocolo da forma adequada?

Será que os convidados iriam se divertir?

E, mais importante, será que algum dos meus parentes – Dragomir ou Vladescu – causaria alguma encrenca? Porque isso com certeza era possível.

– Estou doida para ver o vestido! – disse Mindy, voltando a atenção para a revista no colo. – Aposto que é lindo!

– Você vai ver amanhã – prometi, esperando que ela gostasse. E esperando que *Lucius* gostasse. Eu mesma, com a ajuda do alfaiate romeno de Lucius, tinha desenhado o vestido, que era pouco convencional. Mas eu queria algo que fosse diferente e especial, um vestido que me lembrasse do meu passado e do meu futuro. Sorri ao pensar que aquela roupa seria também um tributo a um dos momentos mais importantes que Lucius e eu tínhamos compartilhado.

Eu ainda podia escutar sua voz enquanto ele parava atrás de mim numa boutique na Pensilvânia e segurava meus cabelos. “*Nunca mais diga que você não é inestimável, Antanasia. Ou que não é linda...*”

Eu desejava ardentemente que Lucius me achasse *mais do que* linda quando eu caminhasse em direção a ele no altar.

Tinha que deixá-lo sem fôlego.

Nada menos do que isso.

Já nervosa de novo, voltei a olhar pela janela e vi os telhados de Sighișoara a distância. Pensei em desviar um pouco do trajeto e mostrar a Mindy aquela cidade medieval tão charmosa, como meu tio Dorin tinha feito comigo quando cheguei à Romênia, mas mudei de ideia no último momento. Havia outra coisa que, de repente, fiquei ansiosa para mostrar a Mindy, mais importante do que as ruas estreitas e lindamente antiquadas que Lucius percorrera na infância.

Inclinei-me e dei um tapinha no ombro do motorista, sinalizando para ele no meu limitado romeno:

– *Se opreste cind ai lui Vladescu casa, te rog.*

Apesar de Mindy ter levantado os olhos da revista para olhar para mim admirada, tive quase certeza de que minha gramática – assim como minha pronúncia – estava bem ruim. Mas o motorista – um dos guardas jovens e

sérios que um dia me prenderam pelos braços na floresta escura – deve ter entendido, porque assentiu sem desviar os olhos da estrada sinuosa e concordou:

– *Da, bineinteles.*

– O que foi? – perguntou Mindy, parecendo bastante à vontade para uma garota que dava seu primeiro passeio pela área rural da Romênia em um carro de luxo com um motorista vampiro.

– Vamos parar um segundinho – respondi. – Quero que você veja uma coisa.

– O que...?

Antes mesmo que Mindy pudesse terminar a pergunta, o carro diminuiu a velocidade e foi para o acostamento. Eu apontei para além do ombro da minha amiga, direcionando seu olhar.

Ela se virou no banco e, quando viu a paisagem, teve a reação que eu esperava, porque eu havia reagido do mesmo modo quando Dorin parou praticamente no mesmo ponto da estrada. Eu *ainda* tinha a mesma reação toda vez que via o lugar que seria *minha casa*. Era uma mistura de espanto, incredulidade e, talvez, um toque de *medo* que fazia o queixo cair e me deixava – e agora deixava Mindy – incapaz de pensar ou dizer qualquer coisa além de...

– Esse lugar é *de verdade*?

CAPÍTULO 3

– *Você vai mesmo morar lá?* – perguntou Mindy, sem afastar os olhos do enorme e imponente castelo gótico dos Vladescu. Deu mais um passo em direção à beira do precipício e eu segurei sua manga, com medo de que ela despencasse no vale íngreme e estreito que nos separava da casa de Lucius. Mas Mindy parecia hipnotizada demais para ao menos notar que eu a havia impedido. – *Você vai se casar mesmo lá?*

Era difícil dizer se o que havia na voz dela era fascínio ou preocupação. Talvez uma mistura dos dois. Ou talvez eu estivesse projetando em Mindy as emoções conflituosas que eu tinha em relação à minha futura casa.

Soltando sua blusa, protegi os olhos do sol poente e me juntei a ela para observar o enorme castelo onde em breve eu viveria com Lucius.

A vasta mansão de pedra, do tamanho de um pequeno – talvez não tão pequeno – quarteirão, era magnífica, sem dúvida, como se houvesse saído de um conto de fadas. No entanto, enquanto meu olhar percorria o exterior sinuoso, pontuado por pequenas torres pontudas que pareciam espetos e dominado por uma alta torre de vigia, não pude deixar de pensar, com mais do que um pouco de insegurança, que os contos de fadas sempre tinham tramas sombrias. Crianças se perdiam em florestas desoladas e esbarravam em bruxas que as cozinhavam em caldeirões. Um punhado de feijões levava a um encontro com um gigante furioso. E, como Lucius havia me lembrado à sombra das mesmas paredes de pedra que eu estava observando, meninas inocentes podiam ser devoradas por lobos...

Mindy interrompeu meus pensamentos com um assobio baixo.

– *Esse lugar é...*

Ela parecia incapaz de articular os pensamentos, mas eu podia completá-los muito bem.

Gigantesco.

Espantoso.

Imponente.

Temível?

– É, eu sei – concordei, baixando a mão e olhando para Mindy. – É quase inacreditável para se descrever em palavras.

Ela finalmente conseguiu afastar o olhar também e me encarou.

– Quando você disse que ia se casar na “propriedade” de Lucius, não pensei que estivesse falando, tipo, de um *castelo* de Cinderela, de rei e rainha.

Olhei um pouco mais fundo nos olhos da minha melhor amiga, porque, pela primeira vez desde que Lucius entrara na minha vida – talvez pela primeira vez na minha amizade com Mindy –, tive a impressão de ter notado uma pontada de inveja, mas ela passou tão rápido quanto veio.

Mindy se virou de novo para o vale, parecendo atraída pela construção que dominava a paisagem, cuja silhueta ia ficando mais e mais nítida à medida que o sol se punha.

– Onde, exatamente, vocês vão se casar? – perguntou ela. – Existe, tipo, um salão especial só para casamentos? Porque parece suficientemente grande para ter um salão especial para *tudo*.

Olhei de novo para o castelo, examinando as torres, os pátios sombreados e as janelas altas e estreitas, e tentando formar uma imagem dele em minha mente.

– Lucius não quer me dizer – admiti.

Mindy girou para mim, pasma.

– O quê? Você está brincando, não é?

Apesar de nunca ter namorado ninguém – não muito diferente de mim num passado recente –, Mindy planejava seu casamento desde que tínhamos uns 5 anos. *De jeito nenhum* Melinda Stankowicz deixaria alguém, nem mesmo o amor de sua vida, tentar manter em segredo o local onde aconteceria a noite mais importante de sua vida. Principalmente se estivesse se casando numa propriedade onde havia coleções de armas e *manchas de sangue*.

Não, Mindy insistiria em ver a sala, a câmara, ou qualquer que fosse o lugar onde *seu* noivo pretendesse oficializar a união.

– A única coisa que sei é que ainda nem vi o lugar – contei. – Lucius o escondeu de propósito quando me mostrou o castelo.

Não só o castelo como um labirinto de câmaras subterrâneas que só podia ser chamado de *masmorra*, onde Lucius admitiu que fora “disciplinado” algumas vezes.

– Jess, tem certeza de que não quer ver o lugar onde vocês vão trocar os votos? – perguntou Mindy com preocupação genuína na voz. – É o seu *casamento*!

– Eu sei. Acredite, pensei nisso.

Eu tinha ficado *muito* preocupada quando Lucius sugeriu que eu o deixasse escolher, mas, quando questionei isso, meu futuro marido disse: “Conheço o lugar perfeito.” Depois arqueou as sobrancelhas escuras, com malícia nos olhos negros, e perguntou: “Você confia em mim, Antanasia?”

Encarei aqueles olhos enigmáticos, misteriosos, maravilhosos durante um bom tempo, sabendo que aquela era uma oportunidade única, em toda a eternidade, de escolher onde iria me casar... e pensando, só por uma fração de segundo, que o vampiro que estava diante de mim havia me surpreendido, não muito tempo antes, com uma estaca junto ao meu peito.

Lucius estava sorrindo, provocante, mas também havia algo sério no fundo dos seus olhos e tive a sensação de que ele estava testando nosso relacionamento, só um pouquinho. Pensei que aquilo era importante, mais do que apenas uma decisão sobre onde faríamos a cerimônia que unira gerações de vampiros antes de nós.

Então sorri também, espelhando a expressão de Lucius.

– Jess, fala sério!

A voz de Mindy me trouxe de volta ao presente.

– Você vai deixar um homem, mesmo sendo um cara maneiro como Lucius, tomar essa decisão?

Apesar das pontadas de apreensão que eu sempre sentia à sombra do castelo dos Vladescu, me peguei sorrindo do mesmo modo como tinha

feito na noite em que permiti que Lucius cuidasse dessa escolha crucial. Então me virei para Mindy e disse, sem qualquer dúvida:

– Confio nele.

Então olhei o relógio, percebendo que tínhamos que ir.

– Venha – falei, já caminhando de volta para o carro. – Precisamos chegar à propriedade dos Dragomir, que é muito menos impressionante – alertei, de modo que ela não criasse muitas expectativas. – Tenho certeza de que você está louca por um banho e nós duas precisamos nos vestir para o jantar, depois pegar mamãe e papai, também. Na última vez que vi os dois, eles estavam saindo para uma caminhada pelas montanhas à procura de uma planta medicinal que papai se lembrava de ter colhido na última vez que estiveram aqui.

– Seus pais vieram? – perguntou Mindy. – Verdade?

– Claro – respondi, surpresa por ela estar surpresa. Era o meu casamento. Então me lembrei de como mamãe e papai tinham tentado me impedir de ir ajudar o Lucius naquela noite terrível em que ele quase foi destruído no celeiro dos Zinn. Mindy provavelmente sabia a maior parte do que havia acontecido naquela noite, inclusive que meus pais tinham pegado as chaves do carro, com medo de que Lucius tivesse mesmo sucumbido à sua natureza sombria e mordido Faith Crosse.

– Perdoei mamãe e papai há muito tempo – confessei a Mindy, nem me incomodando em perguntar quanto ela sabia. – Eles só estavam tentando me proteger. Não sabiam como as coisas iriam ficar ruins para o Lucius.

– É, acho que não sabiam – concordou Mindy, enquanto chegávamos ao carro. Ela conteve um passo, parecendo ter algo em mente.

Esperei também, enquanto ela escolhia as palavras.

– O Jake... – começou ela finalmente, parecendo hesitante em falar do meu antigo namorado, que havia cravado uma estaca no amor da minha vida. – Ele...

– Ele não tentou matá-lo de verdade – garanti. – Foi tudo armado para salvar a vida do Lucius. Jake é um cara *legal* – concluí, o que, de um modo estranho, era parte do motivo de eu não poder amá-lo.

– É, sua mãe me contou a história. Houve tantos boatos, tanta confusão depois daquela noite... Eu tive que perguntar qual era a verdade.

– Lucius convidou Jake para o casamento – acrescentei. – Até se ofereceu para pagar a passagem. Ele é muito grato pelo que Jake fez.

Os olhos de Mindy se arregalaram de surpresa.

– E?

Balancei a cabeça, antes que Mindy começasse a pensar que mais alguém da escola estaria na cerimônia.

– Ele recusou. Acho que prefere esquecer tudo.

Talvez me esquecer também, depois do modo como o tratei.

– É, entendo que ele queira isso. Jake não parece ser um cara que gostaria de ir a um casamento chique, principalmente com vampiros.

– É, acho que ele não se sentiria à vontade num castelo – concordei.

Eu ainda pensava em Jake como um cavaleiro de armadura brilhante, um sujeito bom de verdade, que tinha arriscado muita coisa para salvar um colega de escola de quem nem gostava. Um herói, de certa forma. Mas eu estava destinada a algo muito diferente, a alguém que, na certa, naquele exato momento estaria completamente à vontade se vestindo para um jantar formal ou fazendo a barba com uma navalha tendo cuidado com o ponto onde havia uma cicatriz. Talvez estivesse dando ordens de última hora aos criados ou andando em seu escritório, as mãos cruzadas às costas enquanto preparava o brinde que provavelmente faria naquela noite...

Apesar de agora eu ver Lucius quase todo dia, comecei a sentir aquele frio inevitável na barriga, que vinha sempre que eu pensava nele, e comecei a andar de novo para o carro, de repente com pressa de vê-lo.

– Anda, vamos!

– E onde vai ser o jantar? – perguntou Mindy, indo atrás de mim.

O motorista abriu a porta para nós duas e, quando subi no carro, ri por cima do ombro.

– Digamos que, em algumas horas, você vai olhar a casa de Lucius bem mais de perto!

– Caraca... – murmurou Mindy, subindo também. – Caraca...

E pela segunda vez naquela tarde eu não soube direito se ela estava empolgada ou apavorada. Ou talvez eu estivesse projetando meus sentimentos de novo. Porque, mesmo sabendo que Jake Zinn não fazia parte da lista de convidados, eu não tinha *exatamente* certeza de quem iria aparecer.

CAPÍTULO 4

O castelo Vladescu pode ter me intimidado por seu tamanho e sua história sinistra, assim como pelas paredes de pedra que o deixavam frio e assustador. Mas a sala onde Lucius e eu oferecemos um jantar pré-casamento para nossos parentes e amigos mais íntimos parecia cálida e acolhedora. As pessoas que eu mais amava estavam ali, reunidas à mesa de mogno comprida e brilhante que refletia a luz de nada menos que quatro enormes candelabros de ferro fundido, cada um com dezenas de velas tremeluzentes lançando um brilho suave na sala.

Apesar de ambos sermos anfitriões da festa, claro que Lucius chegou lá primeiro – sobretudo porque meu pequeno grupo de convidados se atrasou, graças aos acertos intermináveis que Mindy fez em nossos dois penteados – e ele sorriu e se aproximou enquanto entrávamos na sala.

– Bem-vindos, todos vocês – disse, chegando ao meu lado e pegando minha mão. Seu olhar encontrou o meu e vi a apreciação, o amor, que eu sempre desejava ver em seu olhar. – Você está linda, Antanasia – disse ele, baixando os olhos para avaliar meu vestido de seda, longo, volumoso, com um padrão discreto mas intrincado de cristais Swarovski no corpete.

Na verdade não tinha escolhido esse vestido para impressionar Lucius e sim para homenagear minha mãe biológica, que era conhecida por usar carmim.

– Adoro você vestida de vermelho – acrescentou Lucius, levantando os olhos na direção dos meus outra vez. Apesar de seus olhos serem incrivelmente escuros, vi que estavam com um brilho caloroso, por isso soube que o havia agradado também. – Se bem que – observou ele, provocando – amei você mesmo quando usava aquela camiseta com o cavalo árabe.

Compartilhamos um sorriso com a referência à camiseta da qual Lucius costumava zombar – e que eu tinha usado na noite em que ele tentou dissolver o pacto e terminar nosso noivado. Mas, obviamente, ele não pôde evitar um destino que *nós dois* queríamos tanto.

Então ele se curvou ligeiramente, segurou meu queixo e beijou meus lábios. Enquanto meu coração martelava, como sempre acontecia quando nos tocávamos, percebi que fiquei um pouco vermelha por meus pais estarem ali. Não fazia muito tempo desde que eu me sentira humilhada só por ter sido pega com Lucius na varanda, nós dois nos aproximando para um beijo que acabou não acontecendo. Enquanto Lucius e eu nos separávamos, meu olhar saltou para mamãe e papai, para ver se minha súbita transformação em adulta – se o fato de estar *beijando* um garoto... um *homem...* em público, mesmo um beijo casto e doce – parecia estranho para eles também.

Mas quando vi seus rostos, foi difícil interpretar as expressões. Em seguida olhei para Mindy – e pela segunda vez no dia pensei ter notado uma pontada de inveja em seus olhos. Mindy tivera uma paixão por Lucius antes de eu admitir meus sentimentos por ele.

– Ned, Dara, que prazer revê-los! – disse Lucius, interrompendo minha especulação. Ele soltou minha mão e passou por mim para abraçar meus pais. – Bem-vindos à minha casa.

– É bom ver você, Lucius – disse mamãe, fechando os olhos e puxando-o para perto, abraçando-o com força como uma mãe de verdade faria. – Sentimos saudade.

Os dois se abraçaram por tempo suficiente para eu saber que meu futuro marido também havia sentido saudade da minha mãe. O fato de ele não ter dito isso imediatamente me fez pensar que Lucius, que não tinha mãe, estava saboreando o toque maternal ou talvez estivesse perto demais de ser dominado pela emoção para conseguir falar.

Durante o breve tempo em que tínhamos morado todos juntos na Pensilvânia, minha mãe, com toda a certeza, havia destrancado algo em Lucius. Um lugar vulnerável que nem mesmo eu conhecia, uma parte de

meu endurecido príncipe guerreiro que era apenas uma criança querendo receber amor materno.

– Obrigado por terem vindo – disse ele finalmente e, apesar de sua voz ter saído baixa, tive quase certeza de que Lucius se esforçava para controlar a emoção.

Quando mamãe o soltou, ele se empertigou e foi até o meu pai. Eu suspeitava de que papai, mais ainda do que mamãe, desconfiara de Lucius naquelas últimas semanas em que morou conosco, mas Ned Packwood nunca recusava um abraço. Os dois hesitaram um diante do outro por apenas um segundo, até que papai abriu os braços e convidou:

– Venha cá, Luc!

Em seguida apertou Lucius contra o peito e deu uns cinco tapas calorosos em suas costas, até que, rindo, Lucius se soltou e segurou papai a distância, dizendo:

– Calma aí, Ned! Para um pacifista, você bate forte!

Então todos rimos e de repente eu soltei o ar dos pulmões com um sopro quase audível e senti os ombros relaxarem. Até aquele momento, quando tive certeza de que tudo ficaria bem, eu nem tinha percebido como estivera tensa por causa do encontro deles.

Eu sabia que meus pais continuavam preocupados – talvez aterrorizados – com o fato de eu me casar com alguém da realeza vampírica. Mas uma parte deles sempre soubera que esse momento poderia chegar e, fiéis a seus princípios com relação a criar filhos, eles estavam deixando que eu seguisse meu caminho, que virasse a adulta que me criaram para ser. Estavam permitindo que eu escolhesse Lucius e que ele voltasse a ter um lugar em seus corações.

Para ser honesta, eu duvidava de que eles algum dia tivessem negado a Lucius esse lugar.

Lucius foi até Mindy, que de repente pareceu meio insegura, quase nervosa, quanto ao modo de agir naquele ambiente régio. Ou talvez, a seu modo, ela estivesse preocupada por se encontrar de novo com Lucius depois de tudo que acontecera na Pensilvânia.

– Ahmm...

Ela chegou a começar uma pequena reverência e estendeu a mão como se esperasse que ele fosse beijá-la. Mas Lucius segurou tranquilamente a mão estendida e puxou minha amiga para um abraço menos vigoroso, mas mesmo assim receptivo. Falou baixinho com ela, também, mas ouvi-o dizer:

– Obrigado, Melinda, por ter vindo. Obrigado por *tudo*.

Eles se afastaram, mas Lucius apertou a mão dela antes de soltá-la e vi que os olhos de Mindy estavam brilhando. Ela havia entendido tudo o que ele quis dizer. *Obrigado por insistir que Antanasia me desse uma chance... Por tentar me salvar... Por nos defender quando ninguém mais faria isso...*

Ele voltou para o meu lado, dominando as emoções, que percebi estarem de novo surpreendentemente perto da superfície, e pôs a mão nas minhas costas, unindo-nos como fazia com frequência quando estávamos em público. Eu amava o modo como ele sempre mostrava que éramos um casal e tinha os mesmos instintos possessivos com relação a ele. Olhei seu rosto bonito. Logo nos apresentariamos diante do mundo para oficializar o que sentíamos.

– Devo me desculpar – disse ele, dirigindo-se primeiro a mim, depois a mamãe, papai e Mindy. – Como diriam vocês, preciso *fazer sala* a nossos convidados romenos.

Olhei em volta e percebi que várias outras pessoas – vampiros – tinham chegado. Dentre eles vi alguns dos meus parentes Dragomir, inclusive tio Dorin, com o rosto já vermelho por causa do calor da sala e talvez pela taça de vinho tinto que ele segurava enquanto contava alguma história animada para três primos meus.

Virei-me para olhar para um canto distante da sala e vi que Claudiu, tio de Lucius, também havia se juntado a nós. A paz que eu tinha acabado de sentir ao ver meus amigos e parentes reunidos com Lucius foi um pouco abalada.

Claudiu – o irmão mais novo de Vasile, que Lucius havia *destruído* na mesma casa onde estávamos.

Eu não acreditara que Claudiu marcaria presença numa ocasião feliz daquelas. Apesar de ser um dos Anciões que governavam os clãs, não havia qualquer afeto entre ele e Lucius. Mas Lucius, defensor das regras de etiqueta, havia insistido em convidá-lo, porque não fazer isso o afastaria ainda mais, talvez causando um rompimento do qual não haveria mais volta.

A presença de Claudiu na sala pareceu embaçar as velas um pouco, lançar sombras mais profundas na pedra. Olhei para ele lembrando-me de que – juntamente com o amor eterno – a obrigação, a política e a diplomacia também faziam parte de minha vida nova. Eu estaria me ligando ao *clã* Vladescu quando juntasse minha vida ao vampiro que estava com a mão em minhas costas.

– Não vou demorar, Antanasia – prometeu Lucius.

– Vou com você – ofereci, pensando que provavelmente era adequado que eu cumprimentasse todo mundo.

Mas Lucius me impediu, passando a mão pelo meu braço e apertando-o de modo tranquilizador.

– Você terá tempo de falar com todo mundo mais tarde – disse com um sorriso. – Por que não acompanha nossos visitantes americanos? Veja se eles estão à vontade. Eu levo nossos parentes até você, o que é perfeitamente adequado, já que você não é somente da realeza, mas também, por mais um dia, é tecnicamente uma convidada aqui.

Lancei-lhe um olhar agradecido, sabendo que ele devia estar quebrando o protocolo um pouquinho para dar a mamãe, papai e especialmente a Mindy tempo para se acomodarem antes de serem deixados sozinhos numa festa onde eram estranhos. Olhei de novo a sala ao redor, notando que mais alguns convidados haviam chegado e tentando me lembrar de quem era Vladescu e quem era Dragomir. Não que eu não fosse praticamente uma estranha, também.

Por enquanto.

Então vi Lucius andar com sua confiança de sempre na direção de Claudiu e do pequeno grupo ao seu redor e invejei meu noivo pela

facilidade com que se movia nos círculos de poder – às vezes poder *perigoso* – nos quais eu estava entrando.

Também me peguei admirando outras coisas em Lucius. Sua altura sempre impressionante; o cabelo grosso e preto, que estava um pouco mais curto e arrumado do que normalmente, para o casamento; e o modo como ficava bem no terno escuro, feito sob medida, que tinha escolhido para a ocasião. Seus ombros eram largos sob o paletó bem cortado e as pernas pareciam mais longas e fortes na calça estreita de estilo europeu.

Eu estava tão absorta em observar Lucius que mal notei papai falando com Mindy:

– Venha, Melinda Sue! Vamos ver se achamos alguma coisa para beber.

Enquanto eles se afastavam, nem parei para pensar que provavelmente era responsabilidade minha providenciar bebidas para os convidados. Como às vezes acontecia, eu estava quase *hipnotizada* por Lucius.

Enquanto cumprimentava Claudiu e os outros, ele sorriu, de modo que seus dentes brancos – tão brancos quanto sua camisa bem passada – relampejaram à luz das velas e meu coração deixou de dar algumas batidas. Eu não via nem sentia as *presas* de Lucius desde a noite em que ele havia completado minha transformação em vampira. Estávamos esperando a noite de núpcias para nos tocarmos daquele jeito de novo, saboreando a expectativa, que era quase insuportável, já que agora ele ficava perto de mim todo dia.

Pus a mão no peito, sentindo que o coração havia começado a disparar.

– Ele é *muito* bonito.

Minha mãe sussurrou isso no meu ouvido e dei um pulo, depois me virei e a peguei sorrindo para mim, com a expressão provocadora de quem sabe das coisas.

– Mamãe! – comecei a protestar, vermelha por ter sido flagrada olhando para Lucius com o que devia ser *luxúria* óbvia. Depois me lembrei de que não era mais uma menininha e de que Lucius era quase meu marido. Eu podia olhar. Logo eu seria como mamãe, uma mulher casada. Controlei o rubor e confessei:

– Parece que ele está ficando mais bonito ainda, para mim.

Olhei de novo para Lucius e vi que ele estava dando um sorriso largo, passando a mão pelo cabelo preto enquanto conversava com o tio, agindo como se não houvesse tensão entre eles.

– Também acho que ele está ficando mais bonito – concordou mamãe.

Estremeci um pouco, surpresa com o comentário, e notei que ela não estava rindo mais. Parecia pensativa, mas de um modo satisfeito, enquanto acrescentava:

– Ele está *feliz*, Jessica. É por isso. A felicidade embeleza as pessoas.

Sorri para minha mãe.

– Espero que ele esteja feliz, mamãe.

Então papai e Mindy se juntaram a nós outra vez, papai carregando algum tipo de caneca de estanho da qual não teve chance de beber porque de repente a voz profunda de Lucius rompeu as conversas que aconteciam em voz baixa e anunciou:

– Caros convidados, por favor, queiram ocupar seus lugares. O jantar será servido!

Fui para o meu lugar numa das extremidades da mesa, Lucius ocupou o dele na outra ponta e o restante dos convidados procurou seus nomes nos cartões de pergaminho arrumados artisticamente em suportes de prata diante de cada cadeira de espaldar alto.

Enquanto nos sentávamos, percebi que havia um lugar vazio – faltava uma pessoa, à direita de Lucius – e de jeito nenhum consegui me lembrar de quem deveria se sentar ali.

Meus pensamentos mudaram de direção quando um grupo de silenciosos empregados uniformizados retirou os cartões que marcavam os lugares e os substituiu por cardápios individuais que traziam os pratos da noite em uma caligrafia cheia de arabescos.

Um a um, os pratos foram apresentados.

E, alguns segundos depois, todos os americanos caíram na gargalhada.

CAPÍTULO 5

– *Foi um belo toque de vocês dois* – disse papai, rindo para mim, depois para Lucius. – Muito sagaz!

Sorri para Lucius na outra ponta da mesa, também, amando-o pela consideração demonstrada com meus pais e pela gentileza e o bom humor daquele gesto. Seu acréscimo secreto de última hora ao menu – “caçarola de lentilha à la Vladescu” – era uma ótima piada, visto que ele fizera pouco caso do gosto de meus pais por grãos e feijões, principalmente *lentilha*, mas também era uma escolha gentil para agradá-los.

– A caçarola foi ideia do Lucius – falei, ignorando a confusão no rosto dos meus parentes vampiros. Todos sabiam o que eram lentilhas, mas o significado delas no menu estava totalmente distante da cabeça dos Vladescu e dos Dragomir.

Mamãe sabia que Lucius estava brincando com ela. Ele não tinha sido exatamente tímido ao opinar sobre sua comida .

– Você deveria ter ligado e pedido a minha receita, Lucius – disse ela, dirigindo-lhe um sorriso cheio de malícia porém afetuoso. – Eu teria dado!

Mesmo estando longe de Lucius na mesa, em volta da qual dois empregados iam enchendo as taças com vinho tinto, pude ver a alegria em seus olhos.

– Ah, eu não poderia incomodá-la com isso! – brincou ele. – Vejamos como minha cozinheira cuida dessa leguminosa adaptável e persistente. Estou sempre ansioso para provar uma nova variação!

De repente, ao ver Lucius à cabeceira daquela mesa enorme, no controle do menu e da conversa, fiquei realmente pasma com a magnitude e a velocidade das mudanças que aconteciam na minha vida. Menos de um ano antes, mamãe havia praticamente arrastado Lucius pela orelha para fora de nossa modesta sala de jantar e lhe dado uma bronca por ser

grosseiro com Jake durante nosso primeiro encontro. Olhei para mamãe, depois para Lucius e de volta, pensando que agora isso *nunca* poderia acontecer. Lucius estava muito além do controle de qualquer pessoa.

Eu estava vivendo de modo independente, num novo país, mas será que também era uma *adulta* de verdade, desse mesmo jeito?

Remexi-me na cadeira e olhei para Mindy, que me pareceu pequena, jovem e ainda um pouco inquieta numa reunião tão formal. Ela parecia estar olhando – com cautela – a variedade quase estonteante, ofuscante, de talheres espalhados diante de cada um de nós.

Examinei meus próprios talheres, incerta de que saberia quando ou como usá-los, e a confiança que havia sentido quando Lucius pegou minha mão ficou abalada de novo.

Eu havia exercido o poder com Lucius na noite em que pus fim à guerra entre os vampiros e reivindiquei meu lugar como líder do clã Dragomir. Mas neste momento não podia deixar de me perguntar com quem eu me parecia mais.

Com Lucius, à vontade e no comando?

Ou com Mindy, sorridente mas nervosa?

Será que eu estava preparada para ficar na *cabeceira* da mesa, como o príncipe que eu via lá, lá longe de mim? Ou será que ainda parecia fazer parte dos bastidores, convidada humilde de minha própria festa?

Os dois empregados que serviam o vinho chegaram a Lucius e a mim simultaneamente, com o desempenho coreografado para nos servir por último, e eu quase pus a mão em cima da taça sinalizando que não queria – que não *podia* beber vinho. Então olhei rapidamente para Lucius e vi que ele parecia não perceber que estava sendo servido. Olhei para meus pais também, como se buscasse aprovação, antes de me lembrar de que as leis europeias não me impediam de beber vinho e de que eu não precisava mais de permissão. Além disso, eles *esperavam* que eu participasse do brinde, ainda que o gosto do álcool fizesse eu me encolher.

Baixei a mão de volta para o lado do corpo, esperando que ninguém tivesse notado o quase erro e olhando o líquido escuro, praticamente preto,

fazer redemoinho na taça. À luz das velas ele parecia um bocado com outra coisa que eu queria muito, muito mais. Na verdade, pela qual eu ansiava e de que *necessitava*.

Meus olhos permaneceram fixos no líquido escuro. Sangue e vinho, coisas que eu havia provado poucas vezes e que agora passariam a fazer parte da minha existência...

Então, com o canto do olho, vi Lucius se levantar, e minha atenção – e a de todos os convidados – se voltou para ele, que ergueu sua taça para brindar a todos nós.

Eu sabia, enquanto o observava, que ele estava gostando daquilo, que Lucius Vladescu estava em casa. No entanto, também tinha consciência de que parte do prazer dele resultava do simples fato de que, levando em conta quem estava presente, mesmo um ato simples como dar as boas-vindas aos convidados representava perigo. Qualquer afronta, intencional, involuntária ou meramente suspeitada poderia ter sérias repercussões.

Porém, como era esperado, a pressão não apareceu no rosto de Lucius enquanto ele começava um brinde que não somente agradeceria aos nossos hóspedes por compartilhar uma refeição especial, mas que também poderia, se não fosse feito com graça e elegância, algum dia dar início a uma *guerra*.

Olhei para meus parentes Dragomir em volta e para o tio de Lucius, Claudiu, que estava sentado rigidamente, com os dedos compridos e pálidos deslizando pela haste da taça de vinho, e minha garganta se apertou, como se aqueles dedos estivessem torcendo meu pescoço.

Claudiu provavelmente *adoraria* uma guerra. Sendo um Ancião Vladescu, ele fizera parte da trama para Lucius se livrar de mim em alguma noite escura em nossa cama, de modo que os Vladescu pudessem exercer o poder sobre um império de vampiros sem ser desafiados.

Virei-me de volta para Lucius, de repente quase aterrorizada com meu próprio futuro e precisando me tranquilizar pensando que o poderoso príncipe guerreiro que estava à minha frente, presidindo a mesa, iria me manter longe do mal.

E olhar para Lucius me acalmou – por um instante. Claro que eu estaria segura com ele na cama enorme que ele havia me mostrado quando fizemos o passeio pelo castelo.

Mesmo assim meu olhar voltou rapidamente para Claudiu. *E nas ocasiões em que Lucius não estiver ao meu lado?*

Eu estava tão preocupada em lutar contra um pânico crescente que demorei um segundo até notar que Lucius ainda não havia começado o brinde. Não estava sequer olhando para os convidados – nem para mim.

Não, sua atenção fora atraída pelo ranger das dobradiças antigas da porta às minhas costas. Enquanto a porta se abria mais, deixando entrar uma corrente de vento frio que fez as velas tremularem nos candelabros, a expressão de Lucius mudou claramente, fazendo-me esquecer tudo sobre Claudiu e tramas secretas.

Comecei a girar na cadeira, certa de que quem estava entrando na sala não era simplesmente um empregado trazendo comida ou mais vinho. E, no momento em que me retorci para olhar para trás, Lucius confirmou minha suspeita de que alguém importante havia chegado à festa.

– Apesar do *deplorável* atraso – anunciou Lucius, enquanto eu via pela primeira vez o último convidado, que chegava tarde –, peço que todos deem as boas-vindas ao meu único *irmão!*

CAPÍTULO 6

Irmão?

Por uma fração de segundo a palavra me pegou totalmente desprevenida e me senti um tanto traída, certa de que Lucius havia escondido algo importante de mim, um segredo enorme.

E também fiquei pasma com o surgimento do novo convidado, que caminhava em linha reta pela sala, indo na direção de Lucius.

O restante de nós estava usando roupas formais. Até papai, que geralmente vestia camisetas decrépitas defendendo causas nas quais ninguém ao menos pensava, estava de terno. Mas o homem que cruzava toda a extensão da sala, rindo como se não percebesse que estava fazendo uma cena, usava apenas uma bermuda suja e uma camiseta amarela que anunciava uma loja de surfe em Venice Beach. Uma camiseta que parecia pior do que a maioria das do meu pai.

Enquanto ele passava pela mesa, a luz das velas se refletiu no cabelo castanho, comprido e brilhante, preso num rabo de cavalo frouxo com o que parecia um velho cadarço de sapato, de couro. Cabelo que talvez estivesse brilhando demais, como se precisasse ser lavado.

Notei um som familiar enquanto ele andava e olhei para seus pés, onde descobri um par de...

Sandálias de borracha pretas?

Levantei-me da cadeira, insegura, e me virei para Lucius, querendo algum tipo de explicação e talvez esperando que meu príncipe vampiro de modos impecáveis demonstrasse uma enorme insatisfação com aquela cena. Se aquele era mesmo seu irmão, a chegada tardia e a aparência desleixada eram um desrespeito.

Mas quando vi o rosto de Lucius, percebi que ele não parecia com raiva.

Pelo contrário, também estava rindo de orelha a orelha, pousando a taça e empurrando a cadeira para ir ao encontro do recém-chegado.

O que...?

Olhei para meus pais e para Mindy, que também pareciam confusos, e fiquei sem graça por não poder fazer nada mais do que dar de ombros, perplexa.

Ainda de pé e sem jeito, girei de volta para Lucius bem a tempo de vê-lo apertar a mão do cara que ele havia chamado de irmão, que por sua vez apertou a mão do meu futuro marido antes de puxá-lo no mesmo tipo de abraço masculino, com tapas nas costas, que Lucius trocara com meu pai.

Só quando Lucius pegou o estranho pelos ombros e o girou para nos encarar – para que eu pudesse ver seus sorrisos quase idênticos, os dentes brancos e brilhantes da nobreza Vladescu – acreditei em quem aquela pessoa era. Quando Lucius falou, ainda sorrindo, foi como se eu adivinhasse suas palavras:

– Este rato de praia que ousa se juntar a nós, atrasado e com vestimentas tão inadequadas, sinto quase vergonha de admitir, é meu padrinho de casamento.

Afundi de volta na cadeira, ainda não acreditando nos meus olhos.

Então *esse* era o lendário Raniero Vladescu Lovatu?

CAPÍTULO 7

– *E aí...* – Mindy puxou os joelhos para o peito e abraçou as pernas, provavelmente tentando se manter aquecida no meu quarto, que era gelado até mesmo no verão. – Qual é a daquele tal de Raniero? Ele foi uma tremenda surpresa, hein?

Terminei de abotoar meu pijama e engatinhei sobre o colchão para me juntar a ela. Nossa última “festa do pijama” antes de eu começar a dormir toda noite com outra pessoa. E não só *dormir...*

– Raniero não é o que eu esperava – admiti, tentando me distrair dos pensamentos sobre minha noite de núpcias, que de repente pareciam enormes na minha cabeça, de novo.

Lucius era experiente. *Eu não era*. Será que isso importaria para ele? Será que ficaria evidente... de um modo ruim?

Uma noite, quando Lucius e eu estávamos sozinhos no escritório dele, nos beijando – Lucius obviamente lutando contra o desejo de fazer mais, apesar de nossa decisão de esperar até o casamento –, eu tinha dado a entender que estava preocupada. Não pude deixar de questionar se sabia o que estava fazendo, mesmo só beijando, e meio que pedi desculpas, sem graça, pela inexperiência. Lucius recuou, com uma expressão estranha nos olhos e um pequeno sorriso nos lábios enquanto dizia:

– Não creio que eu poderia permitir que outro homem que tivesse tocado você continuasse a andar pela Terra. O único motivo para *Zinn* haver sobrevivido é a dívida que tenho para com ele.

Lucius alargou um pouco o sorriso, brincando.

– Sua *inexperiência* salva vidas, Antanasia.

Pelo menos ele estava tentando fazer graça do assunto, porque eu sabia que Lucius não gostava mesmo da ideia de eu ter namorado outra pessoa, assim como eu não gostava de pensar nele com as “debutantes de

Bucareste” que espreitavam em seu passado – ou com Faith Crosse. *Principalmente* com Faith, que era tão nojenta e que sem dúvida alardeava ter *muita* experiência.

– Você ia começar a dizer alguma coisa sobre o Raniero? – instigou Mindy, batendo no meu joelho e felizmente acabando com minha linha de pensamento. – Terra chamando Jess!

Balancei a cabeça, desfazendo imagens que não queria formar – ou cenas que não queria lembrar.

– Só sei que Raniero é primo de Lucius – afirmei, tentando afastar da mente a imagem de Lucius e Faith juntos na cama do apartamento em cima da garagem. – Mas Lucius o considera um irmão, porque eles cresceram juntos no castelo Vladescu.

– Raniero também perdeu os pais? – perguntou Mindy. – Por que morou tanto tempo com o Lukey?

Sorri quando Mindy usou o apelido que eu não escutava fazia muito tempo.

– Os pais dele moram na Itália – expliquei, tentando me lembrar de tudo o que Lucius havia contado sobre seu padrinho. – Mas os Anciões acharam que seria sensato educá-lo com Lucius.

Mindy inclinou a cabeça parecendo confusa, talvez porque tivéssemos crescido numa cultura onde herdeiros do trono não eram um assunto tão importante.

– Por quê? – perguntou.

– Como Lucius é filho único, os Anciões acharam que seria sensato preparar outro jovem vampiro Vladescu para ocupar seu lugar, caso alguma coisa...

Não consegui me obrigar a terminar a frase. *Principalmente* na véspera do meu casamento, quando eu deveria estar planejando um futuro longo e feliz com Lucius.

– De qualquer modo, os Anciões acharam que Raniero era promissor e que poderia ser criado para servir como o braço direito de Lucius, quase

como um general – acrescentei. – Seria o segundo em comando, já que não existe nenhum irmão Vladescu de sangue puro.

– E o que deu errado? – perguntou Mindy, pegando um travesseiro e apertando-o contra o peito. – Porque Raniero não parece capaz de organizar um luau na praia de onde veio, quanto mais comandar um exército ou uma *nação*!

Dei de ombros.

– Lucius não revelou muita coisa sobre ele. Só que o cara se mudou abruptamente para a Califórnia há alguns anos e se afastou dos líderes do clã.

De repente imaginei se Raniero já teria passado um tempo naquela masmorra que eu tinha visto. Ou será que esse tipo de “educação” era reservado para o treinamento de príncipes *genuínos*? Porque se Raniero tinha cicatrizes iguais às do Lucius – se ele foi levado para aquelas câmaras escuras para ser “educado” até estar com a vida por um fio, até que a carne fosse arrancada e os ossos, quebrados –, eu podia entender por que teria ido morar numa praia ao sol.

– Mas ele e Lucius obviamente continuam ligados – acrescentei, descartando mais pensamentos ruins, lembranças da surra que os tios de Lucius haviam dado nele quando foram à Pensilvânia e de como isso o havia mudado, levando-o para um lado sombrio.

– Bom, sem dúvida Lucius e Raniero são diferentes – observou Mindy, revirando os olhos. – Lucius é totalmente régio, e Raniero é tipo... um *vagabundo*!

Ainda que meus pensamentos tivessem acabado de ficar presos numa masmorra sinistra, não pude deixar de rir da ideia de um vampiro vagabundo, sobretudo um *Vladescu* vagabundo.

– Nós só o vimos durante algumas horas – lembrei a ela. – Talvez ele só estivesse tendo um dia difícil.

– Ou um *ano* difícil – disse Mindy. – O cara precisa cortar aquele cabelo. Ou pelo menos tomar um banho!

– Mindy! – comecei a protestar, querendo defender o melhor amigo de Lucius, mas descobri que não podia. Raniero Vladescu Lovatu *tinha* parecido meio... desleixado. Tomara a sopa como se fosse um bárbaro faminto, o corpo frouxo na cadeira, e chegara a chamar um empregado balançando a mão e gritando, em seu sotaque italiano com levada de surfista da Califórnia:

– Ei, *brother*, mais lentilha, *per piacere*.

Eu tinha ficado olhando para Lucius, esperando que ele se encolhesse ou talvez até sugerisse que Raniero tivesse bons modos, mas não vi nada mais do que diversão nos olhos do meu noivo.

Quem, exatamente, era esse cara que Lucius chamava de “irmão”? E será que ele tinha algum interesse no poder que também fora criado para talvez exercer um dia? Será que aquelas sandálias de borracha não seriam só um disfarce?

– Acho que veremos se ele vai tomar um banho para o casamento, não é?
– falei, rindo e descartando minhas suspeitas sobre o *amigo mais íntimo* de Lucius. – Não consigo imaginar que Lucius deixaria seu padrinho, até mesmo um cara que ele considera irmão, usar bermuda de surfista na cerimônia!

Mindy abraçou o travesseiro com mais força e franziu a testa.

– A não ser que alguém dê uma *boa* geral naquele cara de hoje para amanhã, minhas esperanças não vão aumentar.

– Esperanças? – perguntei, sem saber por que Mindy se importava com Raniero. Afinal, o casamento era meu. Se o padrinho de Lucius parecia ter acabado de ser devolvido pela maré, o problema era meu.

– Bom, sou eu que vou passar o casamento inteiro com ele, certo? – lembrou ela. – E pelo menos preciso dançar com ele, não é?

Então percebi que, sendo minha dama de honra, Mindy provavelmente considerava Raniero seu *acompanhante*. E talvez, apenas talvez, ela tivesse esperado que o sujeito com quem ficaria fosse... *melhor*. Ou, dada sua antiga paixão pelo “Lukey”, um pouquinho parecido com o noivo.

– Ah, Mindy...

Queria lhe dizer que lamentava o fato de o padrinho de Lucius ser uma frustração e que não seria bom que ela sequer pensasse em se envolver com um vampiro. Eu nasci para me casar com Lucius – não desejava nada além da vida que estávamos prestes a compartilhar –, no entanto, não recomendaria a nenhum dos meus amigos essa opção por sangue, eternidade e ser considerada *assustadoramente* diferente.

Ter um vampiro como namorado, ou mesmo “ficante”, nem sempre era boa ideia. Meus dedos se cravaram nos cobertores da cama quando pensei de novo, com uma mistura de ciúme e raiva, em Faith Crosse. Não, flertar com um vampiro podia ser perigoso para todos os envolvidos.

Mas antes que eu pudesse alertar Mindy de que ela provavelmente tinha sorte por Raniero não fazer seu tipo, fomos interrompidas por uma batida na porta e minha mãe enfiou a cabeça para perguntar:

– Mindy, será que eu poderia falar com Jessica um minuto? Tenho uma coisa para dar a ela.

Ia dizer a mamãe que Mindy provavelmente poderia ficar. Afinal de contas, éramos praticamente irmãs, tanto quanto Lucius e Raniero eram irmãos. Mas então vi sua expressão e me virei para Mindy:

– Depois a gente se fala.

Porque a expressão no rosto dela... Eu nunca tinha visto minha mãe daquele jeito.

CAPÍTULO 8

Mindy também tinha sentido o clima da minha mãe e já estava saindo da cama.

– Claro, Dra. Packwood. Tenho que ir para o meu quarto mesmo. Amanhã vai ser um grande dia!

Quando Mindy mencionou isso, meu coração pulou de ansiedade – e medo – de novo. Eu havia conseguido evitar pensar no casamento durante alguns minutos, mas dentro de apenas algumas horas eu me vestiria e um serviçal traria as coisas de que eu precisava para o ritual privado que realizaria primeiro.

Será que teria coragem?

– Vai ser maravilhoso – garantiu Mindy, sem dúvida vendo o sangue sumir do meu rosto. – Quero dizer, você vai se casar! Com o Lucius!

É... Eu ia... Aquilo estava mesmo acontecendo...

Então ela se inclinou e me deu um abraço rápido, se despediu e deixou mamãe e eu sozinhas.

Desci da cama também e fui até minha mãe, curiosa com a expressão dela – e com o objeto que ela segurava.

– O que é isso? – perguntei. – O que está acontecendo?

Mamãe sorriu com os lábios – mas isso não apagou a expressão triste, quase solene, de seus olhos enquanto dizia:

– Tenho um presente antecipado para você. Uma coisa que quero que receba esta noite.

Olhei de novo o que ela segurava, pensando que o presente era tão estranho quanto o humor da minha mãe. Diferentemente da maioria dos presentes de casamento, aquele não estava embrulhado num papel bonito. Pelo contrário, o pacote que mamãe segurava, com cuidado óbvio, estava

envolto num pano branco simples, que ela começou a desenrolar, quase como uma bandagem.

– É um presente meu... e da sua mãe biológica – revelou mamãe, os dedos tremendo um pouco enquanto ela continuava desenrolando o tecido.

Eu nunca tinha visto Dara Packwood – sempre tão forte e confiante – tremer de verdade e isso *me* abalou. Cheguei mais perto dela.

– Mamãe...?

– Prometi a Mihaela que daria isso a você na véspera do seu casamento, se você se casasse com Lucius. Mantenha em segurança, como Mihaela fez e depois eu fiz, por você. Porque isso pode manter *você* em segurança.

Minha mãe levantou o olhar do pano e vi de novo aquela expressão estranha em seus olhos. Então entendi, de algum modo, que naquele momento ela estava *me entregando*. A cerimônia do dia seguinte seria uma formalidade para ela. Para mamãe, esse ato – me entregar o que quer que fosse que trazia nas mãos – simbolizava o cumprimento da sua promessa de me criar como filha para que eu retornasse a Lucius e minha família original.

– Mamãe... – Senti as lágrimas começando a se formar nos olhos. Eu não estava preparada... Não queria deixá-la...

Mas, claro, mamãe sabia que eu *estava* preparada. E que *tinha* que deixá-la, por isso me entregou o presente, apertando-o nas minhas mãos.

– Você vai ser uma governante maravilhosa. E uma esposa maravilhosa – disse. – Vocês são duas pessoas incrivelmente especiais e compartilham um amor muito poderoso. Eu sabia disso, antes mesmo que vocês soubessem.

Aparentemente, Lucius e eu fomos os últimos a saber.

Então, antes que eu ao menos pudesse ver o que tinha recebido – talvez por causa das lágrimas que estava lutando para conter –, mamãe me abraçou e sussurrou:

– Tenho orgulho de você ser minha filha. De Mihaela ter *me* escolhido para ser sua mãe.

– Você sempre vai ser minha mãe – disse eu, odiando parecer que estávamos dizendo adeus.

– Eu sei, Jessica... *Antanasia* – corrigiu ela. – E você sempre terá um lar na Pensilvânia. Mas também sei que, a partir do momento em que você fizer os votos, amanhã, sua vida estará centrada aqui. E que sempre *estará*, muito, muito depois de seu pai e eu nos formos.

Pela primeira vez em minha vida, a Dra. Dara Packwood pareceu incapaz de absorver um conceito – a eternidade relacionada a mim. Ficamos em silêncio, simplesmente nos abraçando.

– Eu te amo, *Jessica* – disse ela, decidindo usar meu nome antigo, provavelmente pela última vez.

– Também te amo, mamãe – respondi enquanto minhas lágrimas começaram a escorrer de verdade, encharcando seu ombro.

Depois de alguns instantes mamãe recuou, firmando meu ombro com uma das mãos, e usou a outra para enxugar as lágrimas do meu rosto, como costumava fazer quando eu era pequena, e nós duas tentamos sorrir de novo.

– Você vai me ajudar a me aprontar amanhã, não vai? – perguntei, porque não tinha certeza de que seria capaz de realizar aquele apavorante ato de preparação sem tê-la por perto.

– Claro – prometeu ela. – Claro!

Fiquei aliviada, porque quase tinha sentido medo de que estivéssemos mesmo nos separando. No entanto, não conseguia afastar a sensação de que algo havia mudado para sempre entre nós.

Queria que mamãe ficasse mais um pouco, mas ela saiu. E quando a porta se fechou, ousei olhar o presente em minhas mãos e pensei que era adequado que ele tivesse vindo enrolado num pano como uma bandagem, porque pareceu que meu coração se rachou e sangrou, só de segurar uma coisa tão preciosa.

Minhas mãos começaram a tremer também e eu não soube se estava falando com Dara ou Mihaela – ou talvez com as duas – quando disse baixinho:

- Ah, mamãe...

CAPÍTULO 9

“Confie nos seus instintos e desconfie de qualquer um que a deixe ao menos um pouco cautelosa, mesmo sendo um de seus amigos mais íntimos.”

“Os Vladescu têm vontade forte, mas uma princesa Dragomir jamais se dobra.”

“Sempre serei parte de você, Antanasia...”

Fechei o caderno de capa de couro preta e afundei na cama, sem ao menos saber como tinha caminhado de volta até ela, de tão absorta que estivera lendo a letra apertada e cuidadosa da minha mãe. Parecia que ela havia tentado encher cada centímetro do caderninho minúsculo – suficientemente pequeno para ser carregado num bolso, ou talvez escondido nos cobertores de uma criança fugitiva – com toda a sua sabedoria. Tudo de que ela obviamente havia pensado que eu precisaria para ser governante não de um, e sim de dois clãs. E para ser uma *esposa*.

Acaricieei a capa com as pontas dos dedos, acompanhando o couro cheio de relevos parecendo pedrinhas e dominada pela sensação de quanto ela devia me amar para ter se preocupado em me deixar aquele legado.

Lucius tinha me dado o manual para virar vampira; Mihaela Dragomir me dedicara um guia para *sobreviver* como vampira.

Fechei os olhos por um momento, baixando a cabeça com respeito num gesto de gratidão a ela.

Obrigada, Mihaela, por me proteger, mesmo estando claro que você via sua própria destruição se aproximando.

Apesar de ter apenas folheado o caderno, sabendo que leria tudo com mais atenção – que passaria a viver pelas palavras dela nos meses e anos que viriam – eu percebera como as mensagens de minha mãe biológica ficavam mais curtas e objetivas e a letra, mais irregular, à medida que as

páginas iam acabando, como se ela soubesse que o tempo para registrar seus pensamentos também estivesse chegando ao fim.

Tremendo e percebendo de repente que o quarto tinha ficado mais frio enquanto eu lia de pé, me enfiei embaixo dos cobertores e pus o caderninho sob o travesseiro, como se talvez pudesse absorver sua sabedoria durante o sono. Também queria mantê-lo perto. Até a mesinha de cabeceira parecia longe demais para uma coisa tão valiosa – pelo menos para mim.

Pousando a cabeça no travesseiro macio, fechei os olhos, já me sentindo mais quente, não só por causa dos cobertores, mas porque parecia ter uma nova aliada nesse mundo ainda pouco familiar no qual estava entrando, uma pessoa sábia, que já havia enfrentado as coisas que estavam por vir para mim e que podia me ajudar.

Também entendi por que minha mãe adotiva havia sentido com tanta intensidade que estava me entregando o começo de uma vida nova, com novos conselhos, porque as palavras de Mihaela sem dúvida seriam minha principal orientação dali em diante. Mas eu sabia que sempre precisaria de mamãe também e que iria procurá-la quando pudesse.

Ainda que o presente e a noite tivessem sido um tanto tristes, comecei a sorrir, lembrando-me de uma passagem específica que tinha notado enquanto folheava rapidamente.

“Espero que você venha a amá-lo...”

Eu sabia que Mihaela se referia, claro, a Lucius – com quem eu me casaria no dia seguinte. Eu o amava *tanto* que era quase de dar medo e ao mesmo tempo, maravilhoso.

Lucius... Como eu poderia não querer VOCÊ?

Comecei a tentar visualizar nosso casamento, mas talvez porque ainda não tinha certeza de onde ele aconteceria, tive dificuldade em imaginá-lo. Então, como acontecia com frequência desde a noite em que Lucius havia feito o pedido, me peguei lembrando daquilo, revivendo tudo na mente. E mesmo tendo *certeza* de que não conseguiria dormir um segundo sequer na noite antes de nos casarmos, em pouco tempo estava caindo no meu

sonho predileto, que sempre começava com Lucius pegando minha mão e me levando por um caminho que só uns poucos vampiros – e dois humanos muito especiais – conheciam.

“Venha comigo, Antanasia”, convida ele, dedos fortes e frios segurando minha mão. “É hora de lhe mostrar um lugar que não é somente especial, mas também sagrado...”

CAPÍTULO 10

O caminho é íngreme, faz curvas fechadas montanha acima, levando mais alto do que eu já havia estado nos Cárpatos. Eu me agarro com força à mão de Lucius, ficando sem fôlego apesar de andarmos devagar. Aqui o terreno é mais rochoso e as árvores, mais esparsas. O ar é mais rarefeito, o que torna a subida ainda mais difícil.

Até Lucius, que está em forma e foi criado nessas montanhas, parece respirar com um pouco mais de dificuldade. Está escurecendo e não falamos, concentrados demais em ver onde pisamos, e no silêncio posso ouvi-lo inspirar e expirar num ritmo firme ao meu lado.

E então o silêncio daquele local solitário é rompido pelo som de alguém – alguma coisa – perto, porém escondido. Passos indo depressa na direção oposta, escorregando e deslizando montanha abaixo, de modo que lançam pedras no vale abaixo de nós.

Quem – ou o que – passou por nós parece grande – ou talvez seja mais de um...

Aperto com força os dedos de Lucius, fazendo-o parar, e pergunto num sussurro, com preocupação mal disfarçada:

– Lucius? Está ficando tarde... – Olho a distância, procurando formas ou sombras na direção daquele som agourento. – Você não acha que a gente deveria voltar amanhã?

Sei que não preciso lembrá-lo de que há ursos e lobos nestas montanhas – e pessoas que destroem vampiros. Tenho certeza de que ele entende por que estou ficando nervosa.

O som de passos fica mais fraco, levado para longe por um vento crescente, mas não me tranquilizo – até que Lucius, que estava meio passo à frente, guiando-me por um caminho no qual me sinto completamente perdida, pergunta baixinho:

– Eu deixaria alguma coisa ruim acontecer a você, Antanasia? Deixaria que você ao menos tropeçasse?

É uma pergunta que sei que provavelmente sempre vai estar entre nós, tendo em vista como nosso compromisso começou – e quase acabou. Tendo em vista quem Lucius É.

Mesmo sabendo que a resposta sempre será não – que ele jamais deixaria nada de ruim me acontecer – também tenho certeza de que nunca vamos esquecer o que poderia ter acontecido na noite em que Lucius fez de mim a primeira prisioneira da guerra contra minha família.

Aquele momento em que a estaca – a estaca desaparecida – rolou pelo tapete, perto do fogo, sempre estará conosco.

Às vezes acho que Lucius questiona minha confiança nele mais para se certificar de que eu realmente acredito em seu amor do que para me certificar de que não tenho nada a temer quando estou com ele.

Enquanto tento encarar seus olhos negros na escuridão que se aproxima, o vento sopra no vale de novo, chocando-se contra nossos corpos, e me desequilibro na encosta íngreme, mas, claro, ele está ali para me firmar, segurando meu braço com a mão livre.

Recupero o equilíbrio, mas ficamos imóveis por um segundo, cara a cara. Esqueço meus temores, porque quero desesperadamente que ele me beije. Sempre que estamos perto assim sozinhos e sinto o cheiro de sua pele e suas mãos em mim, também tenho vontade de sentir seus lábios nos meus.

Mas Lucius tem outros planos – um destino em mente.

– Venha – diz sorrindo como se soubesse que sua pergunta sobre confiança foi respondida; provavelmente pela expressão dos meus olhos, que são mais claros do que os dele e sem dúvida fáceis de ser interpretados à claridade da lua nascente. Tenho certeza de que ele podia ver o que eu estava pensando e, apesar de dizermos um ao outro com frequência como nos sentimos, ainda fico um pouco sem graça ao ver como meu amor por ele deve ser aparente em meus olhos. Ainda me parece estranho ficar tão exposta assim, ao passo que Lucius, treinado desde o nascimento para ser fechado, invulnerável, às vezes é difícil de entender, até mesmo para mim.

Começamos a andar de novo. Lucius diminui o passo ainda mais, porque a caminhada está ficando mais difícil e o ar, muito rarefeito para pulmões como os meus, acostumados à vida perto do nível do mar no sul da Pensilvânia.

Meu olhar está fixo no chão, porque não quero ter que contar apenas com Lucius para não cair. O terreno à nossa frente sobe enquanto seguimos pelos enormes afloramentos de rocha que passei a conhecer como inerentes aos Cárpatos.

Estou tão concentrada no solo que perco a noção de tudo ao redor, inclusive do tempo, e fico surpresa quando Lucius se detém de repente e aperta minha mão com mais força, sinalizando que devo parar de andar e erguer o rosto para olhar em frente.

E quando faço isso o que se estende diante de mim é o... nada.

CAPÍTULO II

Apesar de ele não ter revelado nosso destino, desde o início da aventura eu sabia aonde Lucius me levaria. E a escuridão absoluta diante de mim – o buraco alto e estreito parecendo uma fenda na lateral da montanha, um ferimento talvez sem fundo – me faz recuar um pouco.

Mas Lucius não hesita. Sem dizer uma palavra, entra primeiro e, como nossas mãos estão ligadas e porque eu quero ir atrás dele, permito que me guie para a passagem estreita, tão pequena que Lucius precisa andar à minha frente, ligeiramente encurvado, com o braço esticado para trás para me segurar. Seguimos a passo de lesma, tateando o caminho, porque não há a menor chance de que nossos olhos se adaptem a um vazio tão enorme, subterrâneo.

Quero perguntar por que não trouxemos uma lanterna ou mesmo uma vela, mas algo me diz para não falar.

Estou com medo... Com medo de estar num espaço apertado no subsolo, numa escuridão que quase certamente abriga criaturas que fariam minha pele se arrepiar se eu as visse à luz do dia. E tenho medos irracionais, também, como de que o chão possa sumir à nossa frente e nosso próximo passo nos lance no vazio. Mas também estou empolgada e sei que Lucius conhece o caminho.

Como se ouvisse uma deixa, ele se abaixa mais e se vira – o que não é fácil ali –, pousando a mão livre gentilmente na minha cabeça enquanto me guia por uma curva onde a rocha se projeta de cima.

– Cuidado aqui – sussurra ele. – A pedra é afiada.

É bastante óbvio que Lucius esteve aqui muitas vezes...

Quando faço a curva na passagem, com as costas ainda encurvadas, vejo uma leve claridade a distância e minha expectativa cresce – com uma nova sensação de não estar entendendo o que há adiante.

A luz... Ela tremula como uma chama.

Será que há alguém ali?

Vamos nos encontrar com alguém?

Se Lucius está surpreso, não verbaliza isso. Só continua a me puxar pelo corredor ligeiramente curvo em direção àquela luz.

Finalmente meus olhos começam a captar detalhes ao redor. A passagem é bastante seca e lisa, não tão apavorante quanto eu havia pensado. As paredes parecem bem cuidadas. Olho para baixo e vejo que o chão de terra foi varrido, de modo que não há nada em que tropeçar. E o ar, apesar da umidade, cheira a especiaria... Talvez seja algum tipo de incenso. Respiro fundo, pensando que o cheiro lembra vagamente o perfume incomum que comecei a associar a Lucius quando estava nos Estados Unidos.

Ando junto aos calcanhares dele, aventurando-me a arrastar na parede ao lado as pontas dos dedos da mão livre, imaginando se Lucius escolheu aquele perfume porque o lembrava deste lugar.

A luz fica mais forte e meu coração começa a bater com mais intensidade. Estou prestes a ver o que provavelmente – não, certamente – é o lugar mais importante da minha vida...

O teto fica mais alto e as paredes se afastam à medida que nos aproximamos, de modo que até Lucius pode andar ereto. No último momento – justo quando passamos embaixo de um suporte de madeira rústico que marca a entrada da câmara, ele me puxa e depois fica de lado, permitindo que eu passe na frente.

– Foi aqui, Antanasia – diz ele, com a voz baixa e reverente –, que nossos pais nos prometeram um ao outro.

Entro na caverna escondida, iluminada por uma pequena fileira de velas simples dispostas numa mesa de madeira, quase como um altar... E é quando percebo que já estive aqui antes, que o bebê que às vezes visualizo sendo oferecido numa cerimônia de noivado subterrânea sou EU.

Aquela criança sempre me pareceu uma estranha.

Mas, claro, aquele bebê era... eu. Em carne e osso. Meus olhos testemunharam tudo isso antes. Talvez eu tenha sido posta naquela mesa.

E Lucius...

Viro-me devagar para encará-lo e vejo que ele parece ao mesmo tempo feliz e solene enquanto, claramente entendendo o que me passa na cabeça, diz:

– Sim, Antanasia, isto, ESTE lugar, é onde você e eu nos conhecemos.

Ele fica perto da entrada, dando-me tempo de captar tudo. De ver com meus olhos e sentir todas as emoções que me atravessam enquanto estou num lugar que, como prometeu Lucius, é sagrado para os clãs dos vampiros.

A caverna não é grande, mas, como o corredor, está limpa e bem cuidada. Além da mesa, há bancos de madeira, rústicos como o portal da entrada e arrumados em filas, quase como uma sala de aula ou uma igreja.

– Foi aqui que nossos ancestrais tomaram todas as decisões mais importantes – explica Lucius, obviamente vendo como meu olhar se demora nos bancos. – Os Anciões e os vampiros mais importantes se reuniam aqui para debater. Ainda se reúnem, para os encontros mais cruciais, clandestinos.

Viro-me para ele e o vejo observar aquele espaço como se também voltasse a vê-lo depois de muito tempo.

– Era aqui que eles vinham buscar refúgio, não era? – pergunto. – Nas épocas de expurgo?

Um arrepio me atravessa, não por causa do frio da caverna. Nossos pais foram destruídos no último expurgo. Será que haverá outros?

– Sim – confirma Lucius, andando pela câmara, as mãos cruzadas às costas e a cabeça baixa, como sempre faz quando fica pensativo. – Este sempre foi um porto seguro. Sua localização é mantida em segredo. – Ele ergue os olhos para encontrar os meus e acrescenta: – O vampiro que revelar a um humano a localização DESTA caverna será destruído. Essa é a punição, sem clemência, sem piedade.

Observo Lucius declarar com frieza esse fato e, mesmo sabendo que ele foi preparado para governar, fico espantada – e ligeiramente irritada – de pensar que o vampiro que me beija com tanta ternura e que acabou de

proteger minha cabeça com a mão gentil não hesitaria em fazer valer esse tipo de justiça.

A insegurança me oprime. Será que eu, por ser uma princesa, vou ser responsável por dar uma sentença dessas? Seria responsável por fazer isso AGORA, se um Dragomir quebrasse esse segredo?

Encaro intensamente os olhos de Lucius. Será que ele já atuou como juiz, será que algum dia deu uma sentença dessas?

Penso em perguntar a ele, mas mudo de ideia. Talvez eu não queira saber, pelo menos não agora. Por isso faço outra pergunta que está me incomodando.

– Se este é um lugar seguro, por que nossos pais...

Mas Lucius já estava balançando a cabeça.

– Os governantes não se escondem, Antanasia. Sobretudo líderes como nossos pais eram. Como NÓS seremos. Reis e rainhas não se encolhem em cavernas, nem mesmo para salvar suas vidas.

Engulo em seco, com uma sensação esquisita na boca do estômago, e não somente porque duvido da minha coragem diante da destruição: Lucius nos elevou a “rei e rainha”, mas ele e eu somos apenas um príncipe e uma princesa. Pelo menos eu sou apenas uma princesa. E chegar a rainha... Isso só acontece se nós... se Lucius e eu... nos casarmos e tivermos um FILHO. Um herdeiro do trono, que completaria a última parte do pacto para unir nossos clãs.

Olho o vampiro bonito e poderoso à minha frente, sem saber se a sensação no estômago é pura empolgação, se apareceu porque desejo mesmo esse futuro com ele ou se é causada pela minha ansiedade.

– Não fique tão preocupada, Antanasia – diz ele, um sorriso surgindo em seus lábios enquanto chega mais perto de mim. Ele segura minhas mãos e se curva para encostar a testa na minha, com os dedos acariciando os meus. – Tudo no devido tempo, certo? – pergunta baixinho, obviamente adivinhando meu pensamento. – Não queria assustar você.

Enquanto ficamos juntos na caverna silenciosa, no círculo de luz de velas, minha preocupação desaparece. Eu aceitaria qualquer futuro,

exerceria a justiça dura, enfrentaria a destruição, qualquer coisa, só para ficar assim com Lucius por alguns instantes.

– Não estou com medo – garanto.

– Tem certeza? – pergunta ele, juntando minhas mãos e apertando-as contra o peito, de modo que eu sinta seu coração bater.

Depois de alguns segundos percebo que o coração de Lucius bate um pouco mais depressa do que o normal. Só um pouquinho mais rápido e mais forte do que seu ritmo lento, quase imperceptível. Levanto o rosto para o dele, imaginando o que poderia fazer o coração de Lucius Vladescu acelerar.

Então vejo que também há algo diferente nos seus olhos, um clarão que me diz que algo está acontecendo. Algo mais do que somente Lucius me mostrar a caverna aonde gerações de vampiros romenos vieram selar pactos e forjar tratados e às vezes se refugiar da perseguição dos humanos.

Com o canto do olho vejo as velas tremeluzindo também e tenho a segunda revelação da noite: além de aquela caverna ser o lugar onde nós nos conhecemos, Lucius a preparou para nós hoje.

Os passos descendo rápidos a montanha quase certamente eram de um dos seus guardas de confiança retornando depois de terminar a tarefa de preparar a caverna para nossa chegada.

E o fato de termos feito essa jornada no escuro, quando teria sido tão mais fácil à luz do dia...

Examino os olhos negros de Lucius desejando mais do que nunca ser capaz de ler seus pensamentos assim como ele parece capaz de ler os meus. Ainda sentindo seu coração bater no ritmo novo, pergunto:

– Lucius, por que estamos aqui esta noite?

E sua resposta não é nada do que imaginei.

CAPÍTULO 12

Lucius se afasta de mim, só um passo, mas continua a segurar minhas duas mãos. Seus olhos estão fixos nos meus e gradualmente vejo-os mudar de novo.

Pela primeira vez vejo em seus olhos enigmáticos, frequentemente resguardados, a mesma necessidade explícita de mim que eu sempre lhe mostro e sei que a última barreira entre nós está sendo derrubada. Lucius me disse, muitas vezes, que me ama. E eu vi esse amor em seus olhos. Mas nunca assim. Ele está se revelando de propósito, expondo a alma de um modo que sei que é difícil para ele, e não consigo deixar de encarar seus olhos, querendo me lembrar para sempre desse momento, dessa expressão.

– Eu trouxe você aqui esta noite para pedir que se case comigo, Antanasia – diz Lucius finalmente, no momento em que começo a sentir que estou despencando naqueles olhos, como tive medo de cair num abismo enquanto vínhamos para este lugar.

Mas com essas palavras – essas palavras impossíveis – tudo fica parado.

O próprio tempo parece se imobilizar bruscamente.

– Lucius... – murmuro seu nome, sem acreditar que o momento é real.

Casar com Lucius é praticamente tudo em que pensei – ao mesmo tempo evitando e desejando desesperadamente – desde que o conheci e fiquei sabendo do pacto. No entanto, ainda não consigo acreditar nos meus ouvidos e fico examinando as profundezas infinitas e negras de seus olhos, querendo a confirmação de que não estou dormindo.

– Lucius...?

Ele segura minhas mãos com mais força, apertando-as contra o peito.

– Eu quero pedir, neste lugar onde fomos prometidos um ao outro, que você se case comigo, não porque isso é exigido de você, mas porque você me ama como eu a amo – diz ele. – Peço que me escolha por livre vontade,

porque é assim que escolho VOCÊ, Antanasia. Não para cumprir um pacto, mas para seguir meu coração, que não aceitará nada menos do que uma vida com você ao meu lado.

Quero gritar “Sim!”. Quero berrar e me jogar nos braços dele. Mas meus pés parecem enraizados e minha língua está presa na boca. Não consigo fazer nada além de encará-lo, certa de que ele já vê a resposta nos meus olhos.

E então, de pé à minha frente, o que parece adequado para nós dois, melhor do que ele se ajoelhasse, Lucius faz a pergunta que eu queria escutar... talvez desde a primeira vez que o vi.

– Antanasia, quer se casar comigo? – Ele solta uma das minhas mãos para acariciar meu rosto, empurra meus cachos e sua voz fica mais suave, mais terna ainda, quando pergunta de novo, quase num sussurro: – Quer, Antanasia? Ser minha mulher?

Aquela vulnerabilidade nua que eu tinha visto nos olhos de Lucius ecoa em sua voz e é essa doçura – esse pedido sem reservas, esperançoso, de que eu prometa ficar para sempre com ele – que finalmente me permite falar. Porque sei que isso é o mais perto que Lucius jamais chegará de suplicar em toda a sua existência e é o que ele está fazendo por mim. Para mostrar quanto me quer.

– Quero, Lucius! – grito. Pelo menos penso que grito. Mas na verdade minha voz sai fraca, quase embargada. – Quero! – repito, tirando minhas mãos das dele e passando os braços ao redor de seu pescoço. Fico nas pontas dos pés para alcançá-lo, para sussurrar no seu ouvido, porque quero lhe dizer, de novo e de novo: – Quero, quero, quero...

Ele me aperta, sussurrando no meu ouvido também.

– Obrigado, Antanasia... Obrigado por me amar...

Ficamos abraçados por um longo tempo enquanto a realidade se assenta. Vamos nos casar, não para cumprir um tratado, mas porque não podemos viver um sem o outro.

Então Lucius enfia uma das mãos no meu cabelo e eu me ajeito em seus braços para ver seu rosto de novo, logo antes de ele se curvar e seus lábios

encontrarem os meus, beijando-me com suavidade. Então nos beijamos assim várias vezes, gentilmente. É como se nós dois reconhecêssemos que esse momento merece reverência, assim como o local em que ele acontece. Quando os lábios ásperos de Lucius encontram com tanto cuidado os meus macios, é quase como se ele estivesse me prometendo: “É assim que sempre vou cuidar de você.”

E de algum modo, enquanto ainda estamos nos beijando, Lucius pega minha mão esquerda e põe um anel no meu dedo. Nem chego a percebê-lo colocar a mão no bolso para pegá-lo.

Sei que a maioria das garotas provavelmente daria um gritinho e recuaria, querendo ver o diamante, mas eu nem abro os olhos. Só ponho os braços de novo em volta do pescoço dele, sem me importar com a aparência do anel. Eu ficaria feliz com nada... com nada mais do que já temos...

– Antanasia.

A voz se intrometeu no meu sonho e eu rolei de lado, afastando-a, não querendo abandonar Lucius e tudo o que eu estava revivendo. Mas a voz – a voz de mamãe – me interrompeu de novo e senti uma pressão no ombro enquanto ela me sacudia.

– Antanasia.

– Ah, mãe – reclamei, desejando mais cinco minutos na cama –, por favor.

Mas mamãe apenas me sacudiu com um pouco mais de força e, quando abri os olhos, ela estava rindo de mim.

Pisquei umas três vezes, porque a luz do sol estava entrando no quarto e refletindo no diamante enorme que agora sempre adorna minha mão esquerda. Herança da família Vladescu, tinha sido retirado e escondido pela mãe de Lucius, Reveka, antes de sua destruição. Um tesouro antigo que ela queria que seu filho único me desse.

Então olhei para mamãe e ela parecia feliz de novo e talvez um pouco surpresa ao se ouvir dizendo palavras que me surpreendiam também, mesmo que eu estivesse planejando e antevendo nada menos do que este dia há semanas.

– Acorda, dorminhoca – instigou ela com um sorriso. – Você vai se casar hoje!

CAPÍTULO 13

Fiquei de costas para o espelho enquanto colocava o vestido de noiva.

Não sei se o motivo disso era um desejo de me surpreender quando visse o efeito de tudo junto, vestido, maquiagem e cabelo – o coque intricado com a tiara delicada reluzindo contra meus cachos brilhantes e escuros – ou se eu estava com medo de olhar o reflexo e não me achar tão bonita quanto esperava.

– Tem certeza de que não quer ajuda? – gritou Mindy pela porta que ligava os dois quartos da suíte que Lucius reservara na propriedade dos Vladescu para que eu me arrumasse. – Sou sua dama de honra!

– Não, tudo bem. Já vou terminar.

Queria estar sozinha quando me visse pela primeira vez como Lucius iria me ver...

Puxando a seda pesada e branca em volta do corpo – das minhas *curvas* – apertei o vestido contra a barriga com a mão esquerda, mantendo-o no lugar enquanto levava a direita às costas para puxar o zíper o máximo que pudesse.

Quando minha mão parou, incapaz de ir mais longe, comecei a sorrir, lembrando-me de como Lucius tinha me surpreendido fechando um vestido semelhante, numa loja do condado de Lancaster.

Esta noite Mindy ou mamãe iriam me ajudar. No futuro, porém, fechar aqueles últimos centímetros seria sempre trabalho de Lucius. Eu sentiria seus dedos frios roçarem minhas costas, como ele havia feito da primeira vez. Só que não tentaria lutar contra o arrepio, como tinha feito na ocasião.

– Jess, estamos morrendo de ansiedade aqui fora! – gritou Mindy. – Anda logo!

– Estou indo – prometi, rindo do entusiasmo de Mindy.

Mas ainda me demorei alisando o tecido, sentindo a maciez da seda e a aspereza da renda e das contas – um contraste que me lembrava o próprio Lucius – antes de finalmente me virar para olhar no espelho.

E a pessoa que vi refletida ali...

Uau!

CAPÍTULO 14

– *Uau!* – Mindy falou em voz alta o que estava no meu pensamento, praticamente derrapando depois de passar correndo pela porta.

Ela parou e olhou para mim. Depois chegou mais perto, andando devagar, como se tomada por um espanto reverente pelo vestido. Ou talvez um espanto reverente por *mim*. Talvez, pela primeira vez, me visse realmente como uma princesa; porque era assim que eu me *sentia*, era isso o que minha postura anunciava.

– Uau! – repetiu ela, se aproximando, de modo que nós duas víssemos meu reflexo no espelho.

Mamãe também se juntou a nós, parando atrás de mim e pondo as mãos nos meus ombros nus. Vi que ela também me achou linda. Diferente.

– Você vai deixar o Lucius sem ar – garantiu ela.

Não falei nada, porque não queria parecer convencida. Como poderia explicar que eu não era uma garota “bonitinha”, que naquele momento me sentia a mulher mais *linda* da face da Terra?

O corpete do vestido caía em mim como uma luva, acentuando as curvas que Lucius tinha me ajudado a aceitar, antes de se abrir numa cauda larga, branca como neve. Mas o corpete não era apenas branco, como um vestido de noiva tradicional. Tinha sobreposta uma seda preta tão delicada, tão transparente, que criava um lindo efeito de névoa, suave e gris, em volta de mim.

Esse detalhe poderia bastar para tornar meu vestido pouco convencional. Mas eu queria mais do que um vestido *diferente*. Queria um vestido que mostrasse a pessoa que eu tinha sido no passado – aquela garota virginal – e também a mulher, a governante, que eu sabia que estava me tornando. E assim instruí o alfaiate a acrescentar uma cascata de flores de renda preta, bordadas à mão com contas, retorcendo-se como uma trepadeira selvagem

em volta do meu corpo. Um toque escuro, dramático, que, para mim, simbolizava o que Lucius chamava de “lado obscuro da natureza”, ao qual eu havia me juntado quando ele me tornou vampira e que eu estava destinada a governar com ele.

No espelho encarei meus olhos – escuros e dramáticos também, graças à maquiagem feita por Mindy – e então acreditei nas palavras de minha mãe. Eu realmente poderia tirar o fôlego do Lucius, como tinha esperado.

O espelho também refletia a janela do outro lado do quarto e notei que a luz lá fora ia se esvaindo. Os vampiros talvez já estivessem se reunindo no local secreto que Lucius havia escolhido para a cerimônia. E eu estava quase pronta, a não ser por uma coisa...

De repente o silêncio que havia caído no quarto foi interrompido por uma batida à porta que dava no corredor. Esqueci meu vestido por um momento – e que mamãe e Mindy estavam ali para fazer coisas como abrir portas para a noiva – e corri para atender.

Abrindo a porta, encontrei a pessoa que eu havia previsto, de certa forma com pavor, que estaria me esperando. Com a garganta subitamente apertada, assenti para que ele entrasse, sabendo que o serviçal não precisaria de fato de nenhuma instrução.

E, como eu esperava, ele caminhou diretamente, sem dizer nada, até uma mesinha e pousou a bandeja de prata que trazia.

Então, ainda sem dizer nenhuma palavra, ele se retirou para esperar do lado de fora enquanto eu realizava o primeiro ritual do meu casamento. O que mais me preocupava.

CAPÍTULO 15

Parei diante da mesa examinando os objetos na bandeja, não totalmente pronta para tocá-los. Havia uma pequena taça de prata com tampa, o padrão de videiras gravado nela escurecido pelo correr de gerações e o azinhavre tão forte que nem o melhor polimento removeria. Os desenhos lembravam as rosas de renda que contornavam meu vestido, o que me deixou mais feliz ainda por ter escolhido esse detalhe. Parecia que, enquanto criava meu vestido, eu tinha de algum modo me ligado à minha mãe, à mãe *dela* e a todas as mulheres Dragomir que haviam usado aquela taça antes de mim.

Minhas ancestrais também tinham usado a faca de prata posta ao lado da taça. E a colher onde havia um punhado de ervas. E as tiras de tecido de algodão dobradas sob a faca.

Mamãe pôs as mãos nos meus ombros de novo. Eu nem havia percebido que ela e Mindy tinham se juntado a mim perto da mesa. Virei-me um pouco para ver o rosto dela.

– Mamãe...?

Mas eu não sabia direito o que queria perguntar. Sabia o que tinha de fazer.

Mamãe me deu um sorriso tranquilizador e eu ganhei um pouco de força com a calma que ela aparentava.

– Você vai ficar bem – prometeu ela. Depois me virou de frente para ela e me puxou, apertando-me com força. – Vou me juntar aos outros convidados – disse, recuando mas ainda segurando minhas mãos, mantendo-nos ligadas.

– Mamãe! – reclamei, apertando seus dedos. – Não vá ainda!

Mas ela balançou a cabeça.

– Não, Antanasia. Esta na hora de eu ir.

Eu conhecia minha mãe o bastante para entender que ela havia escolhido deliberadamente aquele momento – e que usara de propósito meu novo nome. Ela estava me lembrando de que eu era adulta agora. Meu casamento estava começando e eu não a teria por perto para me ajudar a enfrentar as dificuldades que certamente viriam no futuro. Era hora de começar a encará-las.

– Sei que é difícil, mas tente não sentir medo – acrescentou mamãe, como um último conselho. – Quero que você saboreie cada momento desta noite. Não se trata de fazer tudo certo e sim de você e Lucius se comprometerem um com o outro. Só isso importa.

Respirei fundo e concordei.

– Eu sei.

– Eu te amo – disse ela, me abraçando de novo.

– Eu também te amo – falei baixinho.

Então mamãe saiu, deixando-me com Mindy, sem dizer mais nenhuma palavra, porque tínhamos dito todas as coisas importantes.

Quando a porta se fechou, Mindy se virou para mim com os olhos arregalados, nervosos, como se desejasse que a calma e competente Dra. Packwood ainda estivesse conosco.

– Ai... O que *eu* faço, Jess? – perguntou ela, os olhos virando rapidamente para a bandeja. – Eu... ajudo você?

Balancei a cabeça.

– Não. Só fique no quarto para o caso de alguma coisa dar errado.

Minha dama de honra ficou meio pálida, mas confirmou com a cabeça.

– Tudo bem.

Então, parecendo sentir que eu precisava de um pouco de espaço, de um pouco de privacidade, Mindy recuou alguns passos. Eu me sentei à mesa e, sem me dar mais tempo para hesitar, estiquei o braço esquerdo sobre a bandeja e usei a mão direita para erguer a faca.

CAPÍTULO 16

Mas no momento em que encostei a lâmina no pulso, parei.

Aquilo iria doer e, se a faca entrasse fundo demais, eu poderia sangrar além da conta. Cortar os pulsos é uma forma de se suicidar.

Eu sabia que não iria morrer de verdade naquela noite – *não podia* ser destruída desse modo. Mesmo assim, vi que minha mão tremia um pouco quando encostei a lâmina no ponto onde uma veia azul era visível logo abaixo da pele.

Uma coisa era deixar Lucius rasgar minha carne suavemente num momento de paixão. Outra, muito diferente, era estar ali sozinha, como um cirurgião sem treinamento, tirando meu próprio sangue em quantidade suficiente para encher uma taça que agora parecia muito maior.

Mindy se remexeu atrás de mim, fazendo farfalhar seu vestido preto e simples, e eu soube que precisava agir logo. Estava ficando tarde e eu não queria fazer nossos convidados esperarem – acima de tudo, não queria fazer Lucius esperar.

Lucius...

Em algum lugar nos recessos do castelo Vladescu, onde quer que ele estivesse se preparando, estaria realizando o mesmo ritual que eu. Mas eu sabia que sua mão não tremeria. Podia imaginá-lo erguendo calmamente a faca, encostando a lâmina na carne e riscando uma linha quase invisível pelo braço. Uma linha que em segundos ficaria vermelha, quando o sangue começasse a sair. Ele viraria o pulso para a taça e permitiria que ela recolhesse as gotas.

Com a mão já mais firme, apertei a faca contra minha carne. A lâmina afiada como um bisturi rompeu a pele, me fazendo encolher. Então apliquei só um pouco mais de pressão, focalizada naquele fino traço de veia azul.

Ouvi Mindy ofegar enquanto o sangue escuro e denso jorrava subitamente da ferida, cobrindo meu pulso.

A princípio o talho fino não havia doído, mas então começou a arder e eu prendi a respiração e me forcei a ignorar a dor aguda, latejante.

Faça isso pelo Lucius. A pior parte já passou.

Preparando-me para mais dor, puxei a lâmina por mais um centímetro e meio pelo braço, depois virei o pulso rápida e cuidadosamente, de modo que o sangue que agora saía mais depressa pingasse num ritmo constante na taça que o esperava.

Eu sabia que Mindy provavelmente estava horrorizada, talvez até um pouco enojada com aquilo. Se eu estivesse no lugar dela, se nunca tivesse provado ou compartilhado sangue, me sentiria do mesmo modo. Mas eu havia mudado e, enquanto o líquido quase preto se derramava da veia, não pude deixar de pensar, apesar da dor, em como ele era *lindo*. Eu queria compartilhar essa minha essência com Lucius, naquela noite e muitas, muitas vezes no futuro...

– Jess?

A voz insegura de Mindy interrompeu meus pensamentos. Ergui os olhos e vi que ela havia chegado perto e estava curvada ao meu lado, com uma expressão preocupada.

– Acho que já chega – disse, olhando meu braço. – Acho que você deveria parar.

– É – concordei, notando que a taça já tinha uma boa quantidade. – Chega.

Virei-me e girei o braço de modo a deixá-lo sobre a bandeja, depois usei a outra mão para levantar a colher cheia de ervas – gengibre e folhas de salgueiro – que impediriam o sangue de coagular rápido demais. Joguei-as dentro da taça e levei a mão em direção às tiras de tecido.

– Pode deixar – disse Mindy. Ela me surpreendeu puxando o pano antes que eu pudesse pegá-lo e segurando meu braço que sangrava. – Deixe que eu ajude, para você não sujar o vestido.

– Tudo bem – respondi, deixando-a enfaixar o ferimento.

Depois de cerca de um minuto, quando o sangue parou de atravessar o tecido, Mindy levantou com cuidado uma ponta e espiou embaixo.

– Acho que acabou – disse. E me encarou. – Mas vou deixar o machucado coberto, para não correremos o risco de o corte abrir acidentalmente, certo?

Concordei balançando a cabeça.

– Obrigada.

Não era exatamente a resposta adequada para a pergunta de Mindy, mas eu queria que minha amiga soubesse quanto eu era grata pela calma e a habilidade com que ela estava lidando com uma situação que a maioria das damas de honra não precisava enfrentar. E também me sentia agradecida pela expressão dos olhos dela, que mostrava que não sentia repulsa por mim.

Olhei-a enrolar a bandagem em volta do meu braço com o mesmo cuidado que tinha arrumado meu cabelo e pensei que tinha escolhido a pessoa certa para ser minha dama de honra. Tinha escolhido a garota certa para ser minha *melhor amiga*.

– Obrigada – repeti, enquanto ela enfiava a ponta do pano por baixo da parte enrolada, para que o curativo ficasse o mais arrumado possível.

Quando Mindy se levantou, ergui o braço e olhei para a bandagem. Em vez de estragar meu visual, como eu temera, ela me pareceu estranhamente *adequada*. Era um lembrete de que, apesar do cuidado que Lucius e eu estávamos tendo para tornar nosso casamento perfeito e *parecermos* perfeitos um para o outro, nós dois tínhamos defeitos. Levaríamos para o casamento não somente amor mas também velhas feridas com as quais o outro sempre precisaria ter cuidado. Eu sempre teria que levar em conta a infância horrível de Lucius e entender quando ele ficasse quieto e fechado. E Lucius sempre teria que me assegurar de que seu lado obscuro jamais se viraria contra *mim*.

Passei os dedos pelo tecido, encolhendo-me de novo quando eles roçaram acima do corte, que ainda ardia um pouco. Lucius teria uma bandagem praticamente idêntica, amarrada por Raniero, e a mesma dor.

– Devo levar isso para fora? – ofereceu Mindy, estendendo a mão para a bandeja.

– Não, espera – respondi, segurando seu braço. – Ainda não terminei.

– Não? – Mindy ergueu as sobrancelhas e o modo como sua voz saiu como um gemido me disse que, mesmo fazendo um ótimo trabalho para enfrentar um casamento vampiro, ela já havia me visto derramar sangue suficiente por uma noite.

Mas eu não tinha escolha. Peguei a faca de novo, desta vez sem medo, porque sabia que aguentaria a dor. Então, usando a mão esquerda, marquei a palma da direita com um X fundo. O sangue saiu de novo e eu peguei o último pano limpo, apertando-o com força para estancar o fluxo.

– Lucius vai marcar a mão esquerda dele – contei a Mindy, que pareceu compreensivelmente confusa. – Assim, quando nos dermos as mãos na cerimônia para dizer os votos, nossos sangues vão se misturar.

– Ah, nossa...

Dava para ver que Mindy, sempre romântica, estava dividida entre pensar que esse era o gesto mais lindo do mundo ou o mais *errado*.

– Alguns vampiros ficam com a cicatriz pelo resto da vida – acrescentei. – Como uma aliança que nunca pode ser tirada.

Por isso eu tinha tentado cortar a palma da mão tão fundo. Minha primeira cicatriz de verdade. Lucius obviamente faria seu corte fundo e grande. Eu sabia que, tendo suportado tantos ferimentos graves no passado, ele nem se encolheria ao acrescentar mais uma cicatriz à mão, para se marcar como sendo meu.

– Agora terminei, se você tem certeza de que não se importa – anunciei, orientando minha amiga, que parecia não saber o que pensar a respeito daquilo, e indicando que era hora de ela levar a bandeja (e de parar de se preocupar se eu usaria a faca de novo).

– Ah, claro – disse ela, pondo a tampa na taça e equilibrando a bandeja com uma das mãos enquanto abria a porta.

O empregado silencioso que esperava pegou a bandeja das mãos de Mindy e ela fechou a porta. Quando voltou para perto, perguntou:

– E agora?

– Agora esperamos quem vai nos levar para a cerimônia.

Apesar do conselho de mamãe, comecei a sentir um frio na barriga. Em algum lugar do castelo nossos convidados – vampiros e humanos – já estavam reunidos e Lucius estaria a caminho da cerimônia e...

Quem viria me buscar?

Outro empregado? Um dos guardas de Lucius?

Não precisei esperar muito. Antes mesmo que Mindy pudesse decidir se deveria se sentar e correr o risco de amarrotar o vestido, houve outra batida à porta do quarto. Mais uma vez corri para atender, nervosa e impaciente demais para deixar minha dama de honra fazer isso.

Dessa vez, quando abri a porta para revelar o corredor, vi que alguém estivera muito, muito ocupado enquanto eu derramava meu sangue por Lucius. E também recebi, com enorme felicidade, meu acompanhante para a cerimônia.

CAPÍTULO 17

- *Você está linda* – disse papai, os olhos ficando meio úmidos enquanto entrava sorrindo no quarto para nos cumprimentar. – Vocês duas estão!

Ele percebeu minha bandagem e o pano que eu segurava e uma sombra atravessou seu rosto, diminuindo o brilho do sorriso. Eu sabia que, por ter viajado pela Romênia com mamãe enquanto ela estudava a cultura dos vampiros, ele devia estar familiarizado com os rituais do casamento e provavelmente sabia muito bem o que eu tinha feito. Apesar disso, fiquei com a sensação de que, mesmo sendo uma pessoa de mente aberta, ele não gostava de ver a filha sangrar. Mas ele não disse nada.

Como mamãe, ele estava deixando que eu seguisse meu caminho.

- O senhor também está muito bem, Sr. Packwood – observou Mindy.

Verifiquei a aparência de papai, também, avaliando-o da cabeça aos pés. Quando cheguei às pontas dos sapatos engraxados, levantei o rosto para o dele e ouvi a surpresa na minha voz:

- *Papai...*

Eu esperava que papai se vestisse de modo especial para o casamento, mas o smoking que ele estava usando parecia algo que *Lucius* teria escolhido. Tinha um caimento perfeito nos ombros e a calça terminava no local exato sobre aqueles sapatos brilhantes. Além disso, ele usava uma gravata-borboleta com um laço não apenas muito benfeito, mas que parecia ter sido medido com régua.

Resumindo, meu pai também parecia bastante um membro da realeza.

- É o casamento da minha filha – lembrou ele, entendendo claramente meu choque. – Claro que estou usando smoking! – Depois ele riu e observou: – Se bem que vou admitir que é um smoking bem *chique*. *Lucius* o encomendou. Parece que ele tem algo *contra* roupas alugadas.

Comecei a rir enquanto papai acrescentava, imitando Lucius:

– Passei a entender sua paixão pela *reciclagem*, Ned, mas devo estabelecer um limite no quesito *calças*. Principalmente no meu casamento!

– Parece coisa do Lukey — concordou Mindy, rindo.

Eu sorri também. *É, parecia mesmo coisa do Lucius.*

Então papai me ofereceu o braço e disse:

– Vamos? Seus convidados e seu noivo esperam a princesa!

Apesar de o gesto também ser uma espécie de brincadeira – um floreio pomposo para combinar com a roupa dele – nós dois ficamos sérios. Num instante todo o riso terminou.

Mindy também sentiu a mudança de clima e, sem mais palavras, ficou atrás de mim enquanto eu pegava o braço de papai. Esperei enquanto ela segurava a cauda do vestido para que não arrastasse no piso quando andássemos até o lugar secreto onde a cerimônia aconteceria.

Estava na hora.

– Papai – falei baixinho, enquanto íamos para a porta, de braços dados. – Você sabe aonde nós vamos? Este castelo parece um labirinto!

Eu não queria que meu pai revelasse o local surpresa de Lucius, ainda mais depois de ter esperado tanto tempo, mas estava honestamente preocupada com a possibilidade de me perder.

– Ah, Lucius pensou nisso também – disse papai com um brilho nos olhos.

Ele estendeu a mão para abrir a porta e, enquanto me levava para fora, tive a visão completa de algo que só havia vislumbrado quando meu pai entrou no quarto, talvez propositalmente me impedindo de olhar pelo corredor.

– Ah, é lindo – ofeguei, parando na porta.

Ou talvez Mindy tenha dito isso. Talvez nós duas tenhamos dito.

Todo o corredor estava ladeado por centenas de velas tremeluzentes em pequenos suportes de vidro. Estavam a cerca de um passo umas das outras e eram a única luz no corredor. Um caminho em fogo para seguirmos. Um lindo gesto da parte de Lucius.

Como sempre acontecia quando eu estava prestes a encontrar Lucius, comecei a sentir um frio na barriga. Mas, apesar do nervosismo, apertei o braço de papai, sinalizando que deveríamos ir, e nós três começamos a seguir o caminho luminoso que serpenteava e se aprofundava no coração do castelo.

Caminhamos pelo que pareceu um longo tempo, os três em silêncio, indo para partes do castelo silencioso que eu jurava não me lembrar de ter visto antes. Ou talvez Lucius tivesse mostrado esses lugares e eu não conseguisse lembrar. Naquela noite, tudo parecia diferente, mágico, estranho e silencioso.

Meu coração, que havia ficado mais lento quando me tornei totalmente vampira, começou a bater com mais força a cada passo. No entanto, ao mesmo tempo, fui ficando estranhamente calma.

Lucius estaria no fim desse caminho.

O momento que eu estivera esperando – para o qual havia *nascido* – ia acontecer...

Chegamos a uma curva no corredor, tão fechada e estreita que, por um segundo, tive a impressão de que era um beco sem saída, uma parede vazia. Quando demos mais um passo, senti uma brisa quente no rosto e o perfume de flores no ar puro.

As velas terminavam poucos metros adiante e o que parecia um arco surgia na parede de pedras. Olhei rapidamente o rosto de papai e vi que ele estava sorrindo de novo, como se tivesse certeza de que eu ficaria feliz com o que havia ali.

Alguns instantes depois, quando eu não sabia se queria que a expectativa se satisfizesse finalmente ou que continuasse para sempre, de tão maravilhosa, chegamos ao fim do caminho e Mindy soltou a barra do meu vestido, deixando tocar o chão.

Quando passamos sob o arco, apertei o peito com as mãos, esquecendo que poderia manchar o vestido de sangue, e exclamei baixinho:

– Ah, Lucius!

CAPÍTULO 18

Fiquei boquiaberta com a cena, porque Lucius não havia escolhido um salão grandioso para nos casarmos e sim um pátio pequeno, íntimo – como uma gruta –, delimitado por paredes de pedra cobertas por trepadeiras e ramos de boa-noite que serpenteavam em direção ao céu. As últimas flores brancas e luminosas do fim do verão estavam abertas e pareciam estrelas caindo em volta de nós.

A iluminação era feita apenas pela lua cheia e as muitas velas presas nos parapeitos das altas janelas em arco ao redor, arrumadas às dezenas na mesa de pedra onde as pequenas taças de prata esperavam e acomodadas entre as flores que cresciam em profusão por todo o jardim.

Era tudo perfeito, como Lucius havia prometido. Apesar de estarmos no centro de um castelo que ele mantinha com ordem e precisão, o pátio possuía uma beleza caótica, como o próprio amor. Pelo menos como o amor que eu sentia por Lucius, que parecia incontrolável. Era um lugar em desordem, selvagem, no fundo do meu coração, que um dia também insistira na ordem racional.

É, foi o jardim que me fez respirar fundo.

Mas foi a visão do próprio Lucius, e não o cenário incrível que ele havia criado para nós, que me compeliu a dizer seu nome.

Ele estava me esperando no fim de um corredor formado entre a folhagem, diante da mesa de pedra, e eu nunca o tinha visto tão sério, tão solene. Mas aquele não era o lado sombrio de Lucius. Não, era como se ele estivesse tão *feliz* que não conseguisse sorrir. Eu entendia isso porque estava sentindo a mesma coisa. Era como um júbilo tão intenso que só poderia ser expresso com os olhos. Parecia profundo demais para ser demonstrado apenas com um sorriso.

Naquele momento, eu sabia que nossos convidados estavam ali, nos observando das cadeiras enfileiradas nos dois lados do caminho, mas mal os percebia. E não andei até Lucius imediatamente. Ficamos em silêncio, perdidos no tempo, no espaço – e um no outro. Mesmo a distância, na escuridão, eu podia ver que ele estava emocionado, que ele jamais se esqueceria de como eu estava ao entrar no jardim vestida de noiva, assim como eu jamais esqueceria a imagem de Lucius de pé ali, alto e confiante, os ombros largos puxados para trás e as mãos cruzadas às costas, como sempre fazia.

Mas naquela noite Lucius não baixou a cabeça nem andou de um lado para o outro. Ficou perfeitamente imóvel, costas eretas, olhos fixos em mim enquanto compartilhávamos aquela felicidade extraordinária, profunda, os dois cientes de que aquele era um momento único.

Poderíamos ter ficado assim durante horas se papai não tivesse tirado o braço do meu e beijado meu rosto. Finalmente desviei o olhar de Lucius e me virei para o meu pai, cujos olhos novamente brilhavam com lágrimas enquanto ele me dizia:

– Eu te amo, Jess.

Quis dizer ao meu pai que também o amava, mas de repente fiquei com um nó na garganta e precisei confiar que ele entendia que eu não conseguiria falar.

Então ele deu um passo para o lado, porque a tradição era que eu caminhasse sozinha os últimos metros até meu marido. Nem flores eu carregava. Deveria me aproximar de Lucius com as mãos vazias, para simbolizar que, a partir daquela noite, não haveria *nada* entre nós.

Assenti para Mindy, que ficou à minha frente e começou a ir devagar pelo caminho. Quando ela chegou a seu lugar e olhou de volta para mim, todos os convidados se levantaram e se viraram também. Mas eu ainda mal os notava, nem dava atenção a Mindy, que esperava à esquerda da mesa de pedra, nem percebia Raniero parado à direita de Lucius. De novo estava hipnotizada pela imagem de Lucius, concentrada não somente em seus olhos, mas no homem inteiro, o vampiro, com quem eu iria me casar.

Seu cabelo preto brilhava ao luar que, juntamente com as velas, também iluminava suas feições. As maçãs do rosto definidas, o nariz reto e o queixo forte que eu tinha notado pela primeira vez numa escola da Pensilvânia, num dia e num lugar que pareciam infinitamente distantes. Ele usava um smoking tão escuro quanto seus olhos e que era tão adequado quanto o jardim era perfeito para nossa cerimônia. Era discreto – sem abas exageradas ou lapelas de seda brilhante –, mas sua simplicidade só parecia enfatizar a segurança de Lucius, como se ele confiasse o suficiente em seu poder a ponto de não precisar de qualquer aparato extra. De algum modo ele conseguia mostrar que era um príncipe mesmo usando nada mais do que uma camisa branca com gravata preta e paletó escuro e calça preta reta, como a que usara no jantar que oferecemos antes do casamento.

Lucius me esperava ereto porém à vontade, como o guerreiro que fora criado para ser, e eu mal podia acreditar que ele era *meu*.

Algum dia ele já parecera tão alto? Tão dominador? Tão *capaz de comandar*?

Enquanto eu começava a andar até ele, jamais afastando os olhos, vi que Lucius usava um toque sutil de cor. Um colete cinza, quase da cor do meu corpete.

Quando cheguei mais perto, ele tirou as mãos das costas, como se não pudesse esperar nem mais um segundo para me tocar, e também vi uma ponta branca em seu braço, um pedaço de tecido aparecendo por baixo da manga, logo acima da mão.

– Antanasia, eu, eu... – disse ele, quando eu estava suficientemente perto para ouvi-lo sussurrar. Suficientemente perto para ver a admiração, o fascínio, em seus olhos, emoções fortes o bastante para deixar até mesmo Lucius Vladescu sem fala, provavelmente pela primeira vez na vida.

Então eu sorri, porque tive a certeza de ter alcançado o que queria: Lucius, sempre tão eloquente, nem conseguia encontrar palavras para se expressar ao me ver.

Ocupei meu lugar ao seu lado e Lucius sorriu também, revelando, pela primeira vez naquela noite, os dentes de um branco puro que eu

finalmente sentiria de novo em meu pescoço.

Encarei seu rosto bonito e ele estendeu a mão esquerda – a mão marcada, dominante – e segurou forte a minha direita, também marcada, unindo-nos diante de todos e reabrindo suavemente os ferimentos, de modo que nosso sangue se misturasse. Foi o momento mais feliz da minha vida.

A incisão na minha mão, tão recente, doeu ao ser perturbada. A pele se separou e Lucius observou meu rosto atentamente, com preocupação e um pedido de desculpas nos olhos, mas balancei a cabeça de leve, dizendo que estava tudo bem, que ele deveria se certificar de que o sangue saísse.

Então ele apertou os dedos com mais força em volta da minha mão, torcendo nossas palmas ligeiramente. Eu me obriguei a não demonstrar a dor do corte que se abria. Pude sentir o sangue começando a sair e, mesmo sabendo que Lucius também sangrava, era impossível dizer qual sangue era de quem – assim como deveria ser, a partir daquele momento.

Antes eu pensava que o momento em que Lucius cravou as presas no meu pescoço pela primeira vez seria sempre o melhor da minha vida, mas nada poderia se comparar a me unir a ele para sempre na presença da nossa família e dos nossos amigos. Nada jamais se compararia àquele olhar caloroso e de adoração de Lucius por mim, que se abria tão sem reservas enquanto nosso sangue sereno se fundia no ponto em que estávamos conectados.

Demoramos mais um instante ali, apenas *sendo um*, guardando tudo na memória, e então nos viramos para encarar o mais velho dos Anciões, que havia saído das sombras e se juntado a nós do outro lado da mesa de pedra. Ele anunciou:

– Começemos.

CAPÍTULO 19

Enquanto os convidados se sentavam de novo, Alexandru Vladescu, o vampiro que presidiria a cerimônia, estendeu os braços e pôs as mãos, que tremiam por conta da idade, na nossa testa. Então Lucius e eu a baixamos a cabeça ligeiramente enquanto ele anunciava às nossas famílias a bênção inicial da cerimônia.

– Estamos reunidos esta noite para unir, por toda a eternidade, o príncipe Lucius Vladescu e a princesa Antanasia Dragomir e lhes oferecer a bênção de nossos clãs – disse ele, os dedos surpreendentemente firmes em minha cabeça. – A partir deste dia, como foi prometido pelo pacto selado quando nasceram, eles viverão e governarão como um só.

Então ele retirou as mãos e Lucius e eu erguemos a cabeça. Tive a certeza de que aquela era a primeira das duas únicas vezes em que Lucius Vladescu se curvaria diante de outro vampiro, mesmo que se tratasse de um Ancião venerável, sábio ou poderoso. A próxima vez que Lucius baixasse a cabeça seria em nossa coroação como rei e rainha. Se esse dia chegasse...

Olhei ligeiramente para o lado para ver Lucius de perfil, o nariz reto, o queixo forte e a mecha do cabelo preto recém-cortado que caía em sua testa, como se ele não pudesse conter esse seu lado impossível de ser governado, mesmo no nosso casamento.

Lucius, que seria pai dos meus filhos, os *próximos* príncipes e princesas...

– Mas primeiro – disse Alexandru, atraindo minha atenção de novo, de modo que me peguei espiando seus olhos, que eram escuros e familiares, os olhos dos Vladescu, que tinham visto séculos, talvez *milênios*, de casamentos, nascimentos... e destruições. – Primeiro vocês devem aceitar um ao outro como marido e mulher, diante de suas testemunhas.

Foi minha vez de apertar a mão de Lucius, os dedos automaticamente se contraindo em volta dos dele, e respirei trêmula.

Esta era a parte mais importante da cerimônia. Mesmo sabendo que Lucius queria se casar comigo, senti meu estômago revirar, apreensiva e nervosa, porque a pergunta que seria feita a seguir não era mera formalidade. No mundo em que eu estava entrando, onde as uniões eram mesmo eternas, as próximas palavras davam aos noivos uma última chance de reconsiderar, antes que o elo fosse forjado para sempre.

– Lucius Vladescu – disse Alexandru, quase como um agouro –, você aceita Antanasia como sua esposa, enquanto você existir?

Lucius e eu nos viramos um para o outro e ele segurou minhas duas mãos. No momento em que vi seu rosto, minha apreensão desapareceu. Não somente sua expressão continuava aberta, sem reservas, para mim, mas vi de novo nos seus olhos o amor profundo que agora sempre estava ali – às vezes um pouco escondido atrás do riso, da frustração ou das outras emoções mais complexas de meu príncipe, mas sempre *ali*. E naquela noite, *tudo* o que vi foi o amor enquanto Lucius, falando aos nossos convidados e ao mesmo tempo só para mim, disse sério, reverente:

– Sim, aceito Antanasia como esposa, agora e sempre, enquanto eu existir.

Mesmo sabendo de coração que Lucius me aceitaria e que meu temor momentâneo não tinha fundamento, fiquei aliviada – e emocionada a ponto de chorar – por ouvi-lo dizer essas palavras em voz alta.

Ele me queria, para sempre...

Então, enquanto Lucius e eu permanecíamos virados um para o outro, com as minhas mãos nas dele, Alexandru Vladescu falou meu nome e fez a mesma pergunta.

– Antanasia Dragomir, você aceita Lucius como seu marido, enquanto você existir?

Nem esperei que a voz do velho vampiro se esvaísse na noite silenciosa. Abri a boca para responder, certa de que não precisava pensar. Claro que eu sabia qual era a resposta...

Mas antes que as palavras saíssem da minha boca, Lucius apertou minha mão de um modo que eu entendi que se destinava a me silenciar. Então ele baixou os olhos, fechando-se para mim.

Esperei, insegura, sem entender o que ele estava fazendo.

E quando ele ergueu os olhos de novo, vi a última parte, a mais escondida, da alma de Lucius. Tive um vislumbre de um lugar dentro dele que *nunca* esperava ter permissão de ver, nem mesmo se *realmente* vivêssemos para sempre.

CAPÍTULO 20

Nos últimos momentos antes de eu me comprometer a ser dele – a ser parte dele – para todo o sempre, Lucius me permitiu ver aquele lado sombrio, ferido, que um dia o levara a encostar uma estaca em meu peito antes de desmoronar e gritar com fúria e desespero: “*Tudo à minha volta é destruição!*”

Encarei-o abalada mas me recusando a afastar os olhos, apesar de aquele aspecto de Lucius ser aterrorizante. Eu sabia que nunca mais veria essa parte dele – pelo menos não daquele jeito – e quis tentar entendê-la antes de nos unirmos eternamente.

Enquanto examinava seus olhos, vi não somente o príncipe vampiro que quase havia me destruído, que havia destruído o tio e que poderia tirar vidas no futuro, mas também o órfão criado com surras em vez de amor. Foi como se toda a história de Lucius se desdobrasse à minha frente, revelando-se ao mesmo tempo a origem de sua força, de sua capacidade de suportar a dor, de governar uma nação de vampiros e de sacrificar até mesmo a própria existência, se necessário, e o motivo de seu poder ser sempre perigoso.

– Ah, Lucius... – murmurei seu nome, esquecendo a cerimônia, esquecendo totalmente os convidados. – Lucius...

Ele estava me dando mais uma chance de fugir, como havia oferecido na noite em que provou meu sangue. A *última* chance de fugir...

Mas ver aquele lado de sua alma só me fez desejá-lo ainda mais.

Ele confiava em mim o bastante para revelar sua natureza mais sombria. Apesar de amar ser novidade para ele, Lucius acreditava que nosso amor era forte o suficiente para impedir que eu jamais lhe desse as costas.

Ficamos em silêncio por longo tempo, com o sangue que fluía entre nossas palmas engrossando, colando-nos mais ainda. Nossos convidados

não faziam ideia do que se passava entre nós e provavelmente se perguntavam se eu iria cancelar o casamento.

E, então, sem hesitar e ainda olhando nos olhos de Lucius, confrontando a dor profunda e o poder incrível que ele lutava para controlar, eu disse a todo mundo, e no entanto somente a Lucius, como ele havia me dito:

– Sim, aceito Lucius como meu marido, agora e sempre, enquanto eu existir.

Lucius baixou os olhos de novo e eu tive a certeza de que ele jamais me revelaria aquele seu lado de novo, de modo tão aberto. Que eu não *deveria* vê-lo de novo. Que, como a estaca que ele havia apontado para mim e que desaparecera, eu deveria aceitar que essa parte de Lucius existia, fora do meu alcance e sempre capaz de vir à tona.

Quando ele me deixou ver seus olhos de novo, tudo o que havia neles era felicidade – a volta do vampiro que eu tinha passado a amar, em toda a sua glória arrogante, maravilhosa, espirituosa, terna, dominadora. Seus olhos tinham somente uma *leve* sombra daquele lugar escuro que eu sempre reconheceria, juntamente com o amor que eu via em seu olhar.

Eu jamais iria rever a escuridão que ele abrigava, mas sua fonte nunca estaria *totalmente* escondida de mim. E, como sua noiva, achei que isso era certo.

Os cantos dos lábios de Lucius se ergueram com um sorriso e eu sorri também, sabendo que sentíamos o mesmo. Ambos acreditávamos que, apesar de a cerimônia ainda não estar terminada, no momento em que eu aceitei Lucius e ele me aceitou, tínhamos nos tornado marido e mulher. Eu mal podia esperar para beijá-lo e selar a nova aliança entre nós.

Continuamos nos encarando, compartilhando a felicidade e uma paz nova e maravilhosa.

Foi necessário esforço para parar de encarar Lucius, para pararmos de sorrir um para o outro, mas por fim soltamos as mãos que não tinham cortes e nos viramos de novo para Alexandru, que assentiu primeiro para Raniero, depois para Mindy, sinalizando que deveriam pegar as taças.

CAPÍTULO 21

Ainda que eu tentasse me lembrar de cada detalhe do restante da cerimônia com tanta clareza quanto me lembrava do instante em que percebi que Lucius era mesmo meu marido, só conseguiria capturar algumas cenas que vieram em seguida.

O momento em que Mindy – com uma expressão estranha, quase perturbada nos olhos, em vez das lágrimas sentimentais que eu esperava – me passou a taça de prata para que eu pudesse oferecer meu próprio sangue a Lucius e o modo como ele fechou os olhos ao aceitá-la da minha mão, levá-la aos lábios e beber.

E eu me lembraria de finalmente ter notado Raniero – percebendo que de algum modo Lucius tinha conseguido fazer seu padrinho tomar banho e se enfiar num smoking, de forma que ele parecia adequadamente régio ao entregar a Lucius sua taça.

E nunca esqueceria o peso da prata enquanto eu aceitava a taça e a levava aos lábios, a mão tremendo só um pouco de nervosismo e expectativa. A sensação de ter aquele cálice antigo em meus lábios ficaria para sempre na minha memória, tão fundo quanto o V gravado nele, um precursor rústico das elegantes iniciais desenhadas no marcador de livro que Lucius havia me dado.

E não me esqueceria do gosto de seu sangue – aquela essência doce, fria, incrível, do próprio Lucius, pela qual eu havia ansiado tanto tempo. A taça não tinha o suficiente para me satisfazer e nem deveria, mas eu sabia que beberia mais.

Claro que eu também me lembraria, sempre, de Lucius dizendo, em sua voz profunda:

– Ofereço-lhe nada menos do que o meu sangue, Antanasia, nada menos do que a mim mesmo.

Também houve imagens vívidas de Alexandru buscando a árvore genealógica que Lucius havia me mostrado meses atrás e apoiando-a sobre a mesa para que eu pudesse colocar meu nome ao lado do de meu marido.

Antes de encostar a pena no papel, eu me virei para olhar os convidados. Minha mãe parecia corajosamente feliz, meu pai chorava, os olhos de Dorin brilhavam e Claudiu se recusava a olhar, seu rosto virado enquanto eu colocava minha assinatura com cuidado e Lucius escrevia a data do nosso casamento acima do espaço onde um dia os nomes dos nossos filhos seriam escritos com a mesma tinta preta.

Todas essas coisas aconteceram depressa demais, até o momento em que Lucius colocou uma aliança brilhante no meu dedo e eu fiz o mesmo com ele, consciente de um modo maravilhoso e desavergonhadamente egoísta de que isso, mais do que a marca na palma da mão dele, diria ao mundo que ele me pertencia. Só os vampiros entenderiam o simbolismo da cicatriz na mão, mas uma aliança de ouro tinha significado universal.

Ninguém mais poderia tê-lo agora.

Lucius olhou para o meu rosto e me estendeu a mão esquerda, rindo um pouco por eu estar tão ansiosa por reclamá-lo publicamente para mim, e senti a força de seus dedos enquanto empurrava a aliança até o final.

Então, quando as alianças estavam no lugar, Alexandru Vladescu disse as palavras que eu jurava que não aguentaria esperar mais um segundo para ouvir:

– Lucius, pode beijar a noiva.

Epílogo

A clareira da montanha estava silenciosa e nossos convidados aguardavam cheios de expectativa enquanto eu ia até Lucius, que me estendeu a mão esquerda, oferecendo-a de um modo diferente do que havia feito na cerimônia. Dessa vez sua palma cortada se virou para frente, de modo que eu visse com clareza o X que ele havia posto ali.

Aceitei sua mão esquerda com a minha direita e ele pôs a outra nas minhas costas, moldando-a de encontro ao meu corpo. Depois pousei minha mão esquerda gentilmente em seu braço direito, bem onde seu bíceps se pronunciava.

Enquanto estávamos virados um para o outro, preparados para nos movermos ao som assombroso da *Sonata ao luar*, de Beethoven, não fiquei preocupada com o fato de eu ainda não saber dançar bem. Apesar de algumas lições de última hora no escritório de Lucius, eu não evoluíra muito em relação à primeira vez em que dançamos, no ginásio da Escola Woodrow Wilson, sob luzes piscantes que nunca mais me satisfariam, agora que havia me casado num mar de velas.

Não, eu não sabia dançar, mas era capaz de pôr *aquele* olhar no rosto de Lucius, aquela expressão de adoração, protetora, que vi em meu marido enquanto ele me segurava.

O pianista começou a tocar e Lucius e eu nos movemos ao som das notas delicadas e poderosas que eram uma cascata de luz e mistério, uma expressão musical de como eu me sentia todas as vezes que via Lucius depois de termos nos separado ao menos por alguns minutos, como acontecera depois da cerimônia. Era como o jorro incomparável de alegria, calma e empolgação que me dominava sempre que ele entrava num cômodo. E por baixo disso estavam os tons sombrios também...

Nós nos movemos juntos no centro de um círculo formado por todos os convidados. Lucius apertou com mais firmeza a mão que estava nas costas

do vestido preto – um negativo fotográfico do traje tradicional de casamento – que eu tinha posto depois da cerimônia, porque sua palma cortada havia sujado de sangue o vestido branco quando nos beijamos.

A música era cheia de mudanças de ritmo e complicada de acompanhar, mas ele me guiou pelas partes mais difíceis, meus olhos fixos nos dele para não tropeçar.

Que olhos incríveis tinha meu marido...

Ele sorriu e, como eu sabia que aconteceria, errei a passada e chutei o pé dele. Então desisti e soltei minha mão da dele, passando os braços em volta de seu pescoço e esquecendo a tentativa de dar alguns passos básicos, porque de súbito só queria abraçá-lo enquanto aquela canção linda e pungente tocava. A música, composta havia séculos e ainda tão sugestiva, me fez pensar ainda mais no *tempo*, um assunto que estivera em minha cabeça durante toda a noite.

Anos, décadas, séculos... *eternidade*.

Tínhamos a promessa disso, mas, dado quem éramos, governantes, ambos sabíamos que essa promessa era provavelmente falsa. Sabíamos que um dia seríamos tirados um do outro, como nossos pais haviam sido separados para sempre. Pessoas amedrontadas iriam se voltar contra nós ou alguém da nossa espécie iria nos trair.

Quando pousei o rosto no peito dele, Lucius também desistiu de tentar me guiar valsando e acariciei seu cabelo enquanto oscilávamos, dizendo a mim mesma para não me preocupar na minha noite de núpcias – porque aquele dia terrível poderia acontecer dali a uma semana ou mil anos.

– Alguma coisa errada, esposa minha? – sussurrou Lucius, usando a palavra da qual não parecia se cansar naquela noite. – Sinto que você não está feliz.

Levantei o rosto, percebendo que outros convidados tinham se juntado à nossa dança e me obrigando a sorrir, porque não queria que ele se preocupasse nem desperdiçar essa comemoração pensando em coisas terríveis que poderiam jamais acontecer. Era só a música que tinha feito com que eu me sentisse triste por um minuto.

– Eu só estava imaginando como *Lucius Vladescu* colocou um piano de meia cauda numa clareira no alto dos Cárpatos – falei, provocando-o. – Estava tentando entender a logística.

Lucius riu, surpreso, e me apertou com mais força.

– Fico feliz por você manter seu lado racional e matemático, Antanasia, porque amo isso também.

Olhei a clareira rochosa ao redor, coberta de grama. Não era exatamente adequada para uma festa, mas era especial para mim.

– Deixando as brincadeiras de lado, Lucius... – continuei, acariciando sua nuca com o polegar e encarando-o, de modo que ele pudesse ver como eu apreciava de verdade tudo o que ele havia feito. – Obrigada por tornar isso possível. A comida, a música, tudo, *aqui*.

Lucius ficou sério.

– Se é aqui que você vê sua mãe nos sonhos e se você sente que Mihaela está conosco agora, eu arrastaria *100* pianos montanha acima para torná-la parte da comemoração, para você.

– Sei que é estranho – admiti. – Mas realmente sinto a presença dela aqui.

Eu tinha visto a clareira pela primeira vez num dia em que Lucius e eu saímos para cavalgar. Reconheci imediatamente o afloramento semicircular de pedras, porque o tinha visto muitas vezes enquanto dormia. Nos sonhos, quase sempre era inverno e a terra estava coberta de neve, mas aquelas rochas pontiagudas eram inconfundíveis. Cheguei a dar um puxão nas rédeas, erguendo-me da sela e procurando por minha mãe, certa de que ela estaria ali, me esperando, e só então lembrei que ela havia partido anos antes. Eu estava procurando um fantasma. Um *fantoma*, como diriam meus novos compatriotas.

– Sou *completamente irracional*, como você costumava me lembrar – brincou Lucius, mudando a posição das mãos para apertar minha cintura.

– *Eu* acredito no poder dos sonhos. Como a maioria dos vampiros, dou grande importância a eles. O que você sente aqui não parece estranho para mim, nem um pouco.

Estremeci nos braços dele, porque meus sonhos *pareciam* estranhos para mim. Premonitórios às vezes, como a sonata.

Olhei em volta, surpresa ao ouvir nada além do farfalhar do vento nas árvores, taças tilintando e conversas baixas a distância. Então olhei de volta para Lucius e encontrei-o rindo para mim.

– Você percebeu que a música tinha terminado? – perguntei. – Que todo mundo parou de dançar?

– Percebi – admitiu Lucius, ainda me segurando. – Mas não estava pronto para soltar você.

Enquanto nos separávamos relutantes, estremeci de novo, desta vez porque estava ficando tarde e frio... e por causa da expectativa também. Logo, *logo* estaríamos longe de todos e não haveria motivo para parar de nos abraçarmos, de nos beijarmos, de nos tocarmos.

– Deveríamos nos despedir agora – sugeriu Lucius, pegando minha mão e me levando para a tenda branca e diáfana em que todos estavam reunidos e onde haviam sido postos candelabros de ferro iguais aos da sala de jantar dos Vladescu.

Essa era mais uma mágica de engenharia e logística aparentemente impossível que o mago com quem me casei conseguiu realizar naquela noite, além de levar montanha acima todos os nossos convidados, um incrível jantar de sete pratos e aquele piano.

– Eles vão se sentir obrigados a permanecer até irmos embora – acrescentou Lucius, sorrindo. – Devemos partir logo, para eles ficarem à vontade para ir também.

Enquanto andávamos de mãos dadas sob as estrelas, tentei decifrar aquele sorriso. Ou ele percebeu meu tremor e também viu que estava ficando tarde ou estava ansioso também.

A julgar pelo brilho nos seus olhos, tive a sensação de que era principalmente a segunda hipótese.

Entramos na tenda, Lucius se curvando porque era alto demais para as partes mais baixas, e começamos a nos despedir e agradecer. Só então pude falar com meu tio Dorin, que eu praticamente não tinha visto durante a

noite. Eu o havia notado apenas duas vezes: uma falando com Mindy e uma se esforçando para manter uma conversa com Claudiu, que, claro, ele conhecia de reuniões dos Anciões, mas que não era exatamente um amigo.

Na verdade, muito pelo contrário.

– Ah, Antanasia – disse Dorin, os olhos brilhando mais ainda do que o normal. – Que festa linda! Lindíssima. Estou muito feliz por vocês dois!

– Obrigada – respondi, abraçando-o. – Obrigada por vir e por tudo o que fez para que isso acontecesse.

Quase derramando o vinho tinto que estava tomando, talvez porque não tínhamos servido cappuccino, Dorin fez um gesto com as mãos para dispensar minha gratidão.

– Você fala isso com muita frequência. Não foi nada! Aquilo tinha que ser feito!

Eu *realmente* agradecia um bocado ao tio Dorin. Mas será que algum dia seria capaz de exprimir gratidão suficiente pela forma como ele havia orquestrado a sobrevivência de Lucius no celeiro de Jake Zinn e de algum modo levado o “corpo” de volta à Romênia? Ou por violar as ordens de Lucius e voltar aos Estados Unidos para me informar que ele estava *vivo*?

Lucius estendeu a mão, acrescentando:

– Obrigado, Dorin. Antanasia está certa. Você *foi* fundamental para trazê-la de volta para mim.

Dorin apertou a mão de Lucius, como sempre parecendo meio intimidado pelo meu marido, mesmo numa festa. E meu tio ficou definitivamente branco quando Lucius acrescentou, ainda sorrindo e apertando a mão dele com força:

– No entanto, eu não sugeriria que desconsiderasse qualquer ordem direta no futuro, mesmo tendo intenções nobres.

Era uma brincadeira – mas também um alerta. Lucius estava feliz com o resultado da insubordinação de Dorin, mas, como me contava com frequência, os vampiros eram um grupo indisciplinado. Era fácil perder o controle se você permitisse que a menor desobediência passasse despercebida.

– Pode deixar! – concordou Dorin, com um riso nervoso. Os dois soltaram as mãos e ele acrescentou, parecendo aliviado por olhar para mim. – Parabéns a vocês dois!

Lucius ficou mais ereto, franzindo a testa e examinando a multidão.

– Bom, onde está Claudiu?

A cor que havia retornado às bochechas de Dorin sumiu de novo e ele não encarou Lucius enquanto nos informava:

– Claudiu? Ele... ele não estava se sentindo bem. Eu... acho que foi embora.

Lucius olhou para Dorin arqueando uma sobrancelha.

– Verdade? Saiu do *meu* casamento sem me dizer uma palavra?

O rosto de meu tio estava lívido, como se ele tivesse medo de Lucius matar o mensageiro.

– É... creio que sim.

Eu mesma me senti mal. Sabia a razão da partida de Claudiu. Ele não suportava a ideia de uma Dragomir fazer parte da família Vladescu. Mal tolerava Dorin como um dos Anciões e nem pudera olhar para mim enquanto eu escrevia meu nome na árvore genealógica. Eu tinha certeza de que Lucius não havia ficado cego diante da atitude de Claudiu e que não gostaria dessa desfeita.

– Se vir o meu tio – disse Lucius a Dorin –, por favor, diga que me informarei sobre sua saúde dentro de um ou dois dias.

– Lucius... – falei.

Pus a mão em seu braço, reconhecendo no tom seriamente mortal que aquela não seria uma visita amigável. Ele não parecia com raiva, mas estava muito claro que não aceitava o sumiço de Claudiu, que seu tio precisaria prestar contas e, se necessário, seria *forçado* a me aceitar como parte da família.

– Informarei a Claudiu que você planeja fazer uma visita – prometeu Dorin, nervoso. E tomou todo o vinho de uma vez só, engolindo com dificuldade. – Se eu o vir, certamente o avisarei.

Lucius pôs a mão nas minhas costas e nos guiou para longe do meu tio. Quando nos afastamos alguns passos, fiz com que ele parasse e sussurrei:

– Lucius, por favor...

Mas o que eu poderia pedir? Até *eu* reconhecia que o fato de Claudiu ter saído cedo sem dizer nada era um insulto a nós – a *mim*. Se íamos governar juntos, isso teria que ser resolvido. Caso contrário, Claudiu seria capaz de pensar que poderia me ofender sem consequências, o que começaria a minar minha autoridade já tênue. E isso *não* seria bom. De repente me lembrei de uma coisa que tinha lido quando folhiei o presente deixado por minha mãe biológica: “*Uma vez que se perde o poder, é IMPOSSÍVEL recuperá-lo.*”

Mesmo assim eu não queria começar uma briga.

Lucius entendeu a consternação no meu rosto e pegou meu braço, sorrindo e me tranquilizando, baixinho, para que só eu ouvisse:

– Boa parte da atitude de um governante é blefe, Antanasia. Não se preocupe com algo tão pequeno como um confronto com Claudiu. Não vai dar em nada.

Mas Lucius tinha destruído o irmão de Claudiu. Episódios violentos aconteciam...

Lucius percebeu que eu não estava convencida de que não havia com o que nos preocuparmos.

– Se isso faz você se sentir melhor, vou levar meu padrinho comigo – prometeu, com riso nos olhos. Depois se empertigou e examinou os convidados de novo. – Onde está Raniero? Será que também me abandonou?

Comecei a procurar com ele, esticando o pescoço.

– Na última vez que vi, ele estava com Mindy e os dois estavam dançando não muito longe de nós.

Enquanto olhava ao redor procurando Mindy e Raniero, me lembrei de ter pensado, naquela hora, que eles pareciam estar se dando muito bem. Mindy estivera rindo, como se finalmente houvesse descoberto que Raniero

era um acompanhante divertido, ainda que decepcionante em termos físicos e higiênicos.

Franzi a testa. Será que ele havia sido decepcionante, afinal de contas?

Com o cabelo castanho revoltado domado num rabo de cavalo e a bermuda de surfista substituída por um dos smokings que o pobre alfaiate de Lucius, afogado em trabalho, havia ajustado ao corpo magro de surfista, Raniero havia ficado bastante apresentável. Era alto como um Vladescu, tinha olhos verde-acinzentados incomuns – talvez herdados de seu lado italiano, dos Lovatu – e um sorriso que conquistava aos poucos. A maioria das garotas, sobretudo se não tivessem visto Raniero com as sandálias de borracha sujas, provavelmente ficaria feliz em ter a companhia dele num casamento.

Mas Mindy é um *vampiro*?

Olhei para Lucius, que parecia pensar a mesma coisa.

– Você não acha que eles...? – perguntei.

Lucius balançou a cabeça e suspirou.

– Ah, espero que não.

Eu queria perguntar com quem ele estava preocupado. Com Raniero, à mercê de Mindy Stankowicz, que lia a *Cosmopolitan* havia pelo menos uma década, preparando-se para “pegar” um cara? Ou haveria algo que eu deveria saber sobre Raniero Lovatu e seu histórico com as garotas?

Antes que eu pudesse perguntar, senti um tapinha no ombro e me virei, vendo mamãe e papai e esquecendo Mindy totalmente.

★ ★ ★

Meus pais foram conosco pelo caminho da floresta que levaria Lucius e eu de volta ao castelo, onde passaríamos a noite de núpcias.

Lucius teria me levado a qualquer lugar do mundo – Roma, Paris ou alguma ilha particular no meio de lugar nenhum, se eu quisesse –, mas eu queria ir para *casa* com ele. Na nossa primeira noite juntos, queria estar na cama enorme onde esperava que passássemos muitas noites e onde algum dia começaríamos uma família.

– Você precisam mesmo voltar logo? – perguntei a mamãe e papai. – Podem ficar mais uns dias com o tio Dorin.

Mas os dois balançaram a cabeça.

– Não – disse mamãe. – Vocês dois estão em lua de mel. E nosso avião parte amanhã cedinho.

– Tudo bem – concordei. Eu sabia que eles não iriam ficar, mas parte de mim continuava agarrada aos dois. – Eu entendo.

Mesmo assim, todos nos demoramos à margem do caminho escuro que Lucius e eu íamos pegar. A maioria dos convidados seguiria por uma trilha mais estreita até uma estrada de terra, onde o transporte esperava para levá-los pelo resto do caminho montanha abaixo. Mas Lucius e eu tínhamos decidido andar sozinhos até o castelo, pegando um atalho pela floresta. A presença de qualquer pessoa a mais, mesmo um motorista, seria dispensável. Estávamos prontos para simplesmente ficarmos juntos.

– Tem certeza de que vocês vão ficar bem? – perguntou papai, olhando para as árvores. – Isso aí parece bem desolado.

Lucius, que estava ao meu lado, passou o braço à minha volta de modo protetor.

– Eu vou mantê-la em segurança, Ned – disse, tentando tranquilizar papai. – Ando por esses caminhos desde a infância.

Tive a sensação de que Lucius não se referia apenas à trilha que iríamos pegar. Meu marido, que adorava metáforas, estava falando de tudo o que havia à nossa frente.

– Vocês sabem que eu a protegerei com minha vida – acrescentou.

Meus pais, que um dia tinham temido que Lucius fizesse o oposto, não falaram imediatamente. Então mamãe disse:

– Sabemos que sim, Lucius.

Nós os abraçamos de novo e de repente já era hora de irmos. Meus olhos estavam cheios de lágrimas, de modo que tive que me agarrar à mão de Lucius. E no instante em que nos viramos para o caminho, ele parou e se virou de novo, chamando:

– Ned... Dara?

Meus pais pararam de andar também e se viraram.

– Sim...? – respondeu mamãe, parecendo insegura na escuridão.

Lucius pareceu inseguro também – outra situação rara para ele – enquanto perguntava:

– Será que eu poderia... chamar vocês de “mãe” e “pai”?

Houve um silêncio *gigantesco* e por um segundo – enquanto eu processava minha surpresa – fiquei com medo de que os dois dissessem *não*. Talvez procurando alguma alternativa que não parecesse *tanto* uma aceitação.

Não o desapontem, eu quis implorar. Isso destruiria outra parte dele...

Mas quando papai finalmente falou, pude ver que ele só hesitara porque a pergunta havia levado meu pai gentil e sentimental novamente à beira das lágrimas. Sua voz estava embargada e suave quando aconselhou ao Lucius:

– Na verdade preferiríamos “mamãe” e “papai”, filho. Não precisa ser tão formal com a família!

A mão de Lucius apertou a minha e sua voz também saiu um pouco tremida quando disse simplesmente:

– Obrigado. Isso significa muito para mim.

Eu duvidava de que Lucius algum dia fosse se dirigir aos meus pais como “mamãe” ou “papai” – era difícil imaginar essas palavras saindo da sua boca –, mas sabia que ele estava feliz por ter essa opção. O importante para ele era a permissão e tudo o que ela implicava.

Então, sem outra palavra, nós nos separamos, meus pais voltando ao caminho e à vida deles e Lucius e eu seguindo pela trilha solitária. Não falamos nada. Era bom demais estarmos simplesmente juntos, ouvindo a noite, pensando no que aconteceria, o que, de algum modo, não me amedrontava mais.

Por fim o castelo de Lucius – nossa casa – surgiu. Quando chegamos à porta enorme, um dos guardas, que provavelmente nunca estivera muito longe de nós, se materializou para abri-la e Lucius me pegou no colo, aninhando-me no peito.

O gesto era um clichê que nos fez rir, mas em segredo eu esperava que Lucius, sempre cavalheiro, me carregasse ao passar pela porta. Fiquei feliz por ele não me desapontar.

Entramos no saguão gigantesco onde um dia ele me declarara prisioneira e, sentindo a aliança e o anel de ouro pesados na mão esquerda, tive a clara impressão de que nada havia mudado realmente desde aquela noite. Mesmo *antes* daquela noite – desde a assinatura do pacto – éramos incapazes de escapar um do outro, não importando quanto tentássemos.

Lucius me carregou pelos corredores e eu me agarrei com força ao seu pescoço até chegarmos à porta do quarto que iríamos dividir – só que dessa vez não havia guarda à vista. Estávamos *realmente* sozinhos.

Ele se curvou um pouco para alcançar a maçaneta, girou-a e abriu a porta. Depois me pousou de pé com delicadeza, puxou-me e disse baixinho:

– Bem-vinda ao lar, Antanasia.

Eu não disse nada, não podia dizer nada. Ainda não queria falar. Só queria... Lucius.

Finalmente iríamos compartilhar *tudo*. Nosso sangue, de novo, e muito mais...

Então Lucius estendeu um braço, ainda me segurando com o outro, e, quando seus lábios tocaram os meus, ele fechou a porta, trancando o mundo lá fora.